

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

**Programa de Pós-Graduação em Educação Física**



**Dissertação**

**Tessituras sobre a relação trabalho e saúde na  
vida do professor de Educação Física da Rede  
Estadual de Ensino de Pelotas/RS.**

**Francisco de Assis Furtado de Oliveira**

**Pelotas, 2016**

**FRANCISCO DE ASSIS FURTADO DE OLIVEIRA**

**Tessituras sobre a relação trabalho e saúde na  
vida do professor de Educação Física da Rede  
Estadual de Ensino de Pelotas/RS.**

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Educação Física da Universidade  
Federal de Pelotas, como requisito  
parcial à obtenção do título de Mestre em  
Educação Física.

Orientador: Giovanni Frizzo

Pelotas, 2016

**Banca examinadora**

---

Giovanni Felipe Ernst Frizzo (presidente)

---

Helen Gonçalves

---

Renato Siqueira Rochefort

---

Franciele Roos da Silva Ilha

---

Mariângela da Rosa Afonso (suplente)

**Dedico esse estudo a todos os colegas de profissão que sofrem com as adversidades da docência e ainda assim permanecem na luta pelo que amam, serem professores!**

## **Agradecimentos**

Primeiramente quero agradecer a minha esposa, que sempre me apoiou em todas as seleções passadas em que não obtive sucesso e sempre acreditou em mim e me incentivou a continuar buscando o meu objetivo. Obrigado amor por me ajudar a escrever esse texto, a fazer correções, por dar sugestões, leituras e se desdobrar em mil para dar conta das tarefas e me dar tempo e espaço para escrever. Sem a tua ajuda esse trabalho jamais teria sido finalizado, obrigado por tudo, te amo.

Agradecer as minhas filhas lindas, que sempre foram muito comportadas e entenderam que o papai precisava escrever as vezes enquanto estava com elas. Obrigado por serem as alegrias dos dias difíceis de escritas e por estarem sempre ao meu lado me fazendo sorrir, amo vocês gatinhas.

Agradeço a meus pais por todo apoio dado nessa caminhada, carinho e conhecimentos e por terem me ensinado a nunca desistir, por mais difícil que seja a caminhada, o caminho é sempre pra frente.

Aos queridos amigos e compadres, Josi e Marc que ajudaram sempre me animando e apoiando, seja no chopp e hambúrguer ou na correção do abstract, vocês são demais, amo muito.

A 5° Coordenadoria Estadual de Educação por ter permitido a realização desse estudo, agradeço muito o apoio dado e a disposição em ajudar sempre que necessário.

Aos professores participantes do estudo por compartilharem os momentos de suas carreiras e suas experiências, guardo cada um de vocês no meu coração pela ajuda, pelo crescimento e troca de experiências divididos, sem vocês esse estudo não teria passado de uma ideia. Muito obrigado!

A todos os professores do programa de pós-graduação e colegas de aula, por momentos de reflexão, aprimoramento do texto, troca de experiências, opiniões e conhecimentos transmitidos. Cada aula, cada minuto, cada opinião realmente foram muito significativas.

Aos membros da banca: Franciele Ilha, Helen Gonçalves e Renato Rochefort, pela disponibilidade e claro pelas ótimas sugestões e apontamentos feitos, possibilitando que esse trabalho fosse executado da melhor maneira possível.

E um agradecimento especial ao meu querido orientador Giovanni Frizo, obrigado por acreditar em mim e por me dar liberdade de estudar o que era minha ideia. Obrigado pelas excelentes colocações, troca de experiências e a oportunidade de ministrar uma disciplina na graduação em conjunto, foi o momento mais gratificante de toda minha caminhada como mestrando. Obrigado mesmo por ter acreditado em mim!

***“Eu posso acietar a falha, todos falham em alguma coisa. Mas eu não posso aceitar não tentar”.***

**Michael Jordan**

OLIVEIRA, Francisco de Assis Furtado de. **Tessituras sobre a relação trabalho e saúde na vida do professor de Educação Física da Rede Estadual de Ensino de Pelotas/RS**. 94f. Projeto de Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

### **Resumo**

A escolha desse tema veio por meio da minha experiência como docente, em apenas quatro anos de magistério já me deparo com situações que julgo ser prejudicial à saúde dos docentes e demais funcionários públicos. Por conta disso, esse estudo procura compreender se os professores que estão afastados por licença saúde, ou delimitados nas escolas, encontram-se nesse quadro devido às relações que o trabalho e a precarização do mesmo com a sua saúde. Vivemos em uma sociedade que se baseia na lógica do capital, onde o trabalho assume um valor de mercadoria, sendo um meio de ganhar a vida, pois o homem não possui mais sua integralidade, não produz o que consome e não consome tudo o que produz. Dessa forma, passa a ser trabalho estranhado, abstrato, produtor de valor de troca, mercadoria. O lócus do nosso estudo serão os professores de Educação Física afastados ou em delimitação de função, que não podem mais atuar em sala de aula, das escolas estaduais da 5ª Coordenadoria Regional de Educação no município de Pelotas/RS. O estudo se caracteriza como uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo, que utilizará a entrevista semiestruturada para poder traçar uma relação da saúde docente com as relações de trabalho. Podemos encontrar nos resultados dados que confirmam esse adoecimento por conta do trabalho e suas relações com a saúde e a precarização da escola pública, demonstrando assim o quanto a carreira docente pode ser prejudicial a saúde.

**Palavras chave: saúde, professores, trabalho**

## **ABSTRACT**

This selected study is based on teacher's experiences. In only a few years of career they are confronted with situations that are, to my judgment, harmful to their health and other public employees. Because of this, the presented study seeks to understand if teachers, which are temporarily out of school service or with reduced workload, have higher risk of health issues due to the work conditions and its precariousness. The current society lives based on the logic of capital, in which labor has a monetary value, allowing us to earn for a living. Since mankind no longer has its integrality it doesn't produce what is consumed, and doesn't consume everything that is produced. Consequently, labor became strange, abstract, a product to exchange for another, a commodity. The focus herein are teachers for physical education from schools of the 5th Coordenadoria Regional de Educação in the city of Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil, who are temporarily unable to work or to execute all functions appropriately because of health issues. The study is characterized as an exploratory qualitative research using the semi-structured interview to draw a relation between the teacher's health and labor relations. The data found demonstrate that sickness due to work, its relation to the health, and the precariousness of the public schools negatively impacts the teaching career.

**Key words: health, teachers, work.**

## **Lista de Siglas e Abreviaturas**

**CESQT** - Questionário para a Avaliação da Síndrome de Quemarse por el Trabajo

**CPERS** - Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul

**CRE** - Coordenadoria Regional de Educação

**EF** - Educação Física

**FETEESUL** - Federação dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino do Rio Grande do Sul

**FIES** - Programa de Financiamento Estudantil

**ISSL** - Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp

**LDBEN** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**PET** - Programa de Educação Tutorial

**PIBID** - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

**PPGEF/UFPel** - Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas

**RS** - Rio Grande do Sul

**SADE** - Sistema de Aprendizagem Desportivo Universal

**SINPRO/RS** - Sindicato dos Professores do Ensino Privado do RS

**SOE** - Serviço de Orientação Educacional

## Sumário

<b>1. Introdução.....</b>	<b>11</b>
<b>2. Problema de pesquisa .....</b>	<b>14</b>
<b>3. Objetivos .....</b>	<b>14</b>
<b>4. Trabalho, saúde e educação em meio à crise do capital .....</b>	<b>16</b>
<b>4.1 Trabalho.....</b>	<b>16</b>
<b>4.2 Crise Educacional e precarização do trabalho docente .....</b>	<b>21</b>
<b>4.3 Saúde .....</b>	<b>30</b>
<b>5. Metodologia .....</b>	<b>36</b>
<b>6. Levantamentos preliminares: escolas e saúde dos professores.....</b>	<b>38</b>
<b>7. Conhecendo os entrevistados .....</b>	<b>38</b>
<b>8. Análise das entrevistas.....</b>	<b>39</b>
<b>8.1 Trabalho, escolha da carreira e sua repercussão.....</b>	<b>40</b>
<b>8.2 Educação e o papel do professor na escola .....</b>	<b>44</b>
<b>8.3 Saúde e suas relações .....</b>	<b>50</b>
<b>8.4 Precarização do trabalho docente e seus afluentes.....</b>	<b>57</b>
<b>9. Conclusão .....</b>	<b>67</b>
<b>10. Referências .....</b>	<b>810</b>
<b>11. Anexos .....</b>	<b>76</b>



## 1. Introdução

Esse estudo é fruto de minha vivência com a Educação Física (EF), desde a minha educação básica como um atleta e amante das aulas, sempre participativo e motivado para aprender. Escolhi atuar como professor de EF aos 10 anos, na época tinha um professor e treinador de futsal que era, e continua sendo uma referência, impulsionando a minha vontade de trabalhar na mesma área e fazendo o que ele fazia, ministrando aulas e treinando equipes escolares.

Aos dezessete anos ingressei na Universidade, bem jovem, com uma visão pequena da grandeza da EF. Sem conhecer muito mais que os esportes e o quão prazeroso era jogá-los, aprendi muito mais que esportes. Aprendi como ser professor, pesquisar e a importância que a EF tem na escola, as formas de trabalhar, entre outros conteúdos. Posso dizer que fui privilegiado, consegui agarrar boas oportunidades e fazer escolhas fundamentais para a minha forma de trabalhar. Fui membro do Programa de Educação Tutorial (PET) durante toda a graduação. O PET tinha a inserção em projetos de extensão, publicação de trabalhos acadêmicos e manter uma boa média nas disciplinas cursadas como uma das metas a cumprir.

Com minha inserção nesse espaço, acabei fazendo muitas outras atividades cruciais para o meu desenvolvimento profissional e pessoal. Trabalhei com treinamento de futsal e futebol de campo em categorias de base; comecei a trabalhar em uma escola de Educação Infantil (a qual trabalho ainda hoje); passei por três projetos de extensão vinculados a esportes que muito me ajudaram: Basquetebol Iniciação, Basquetebol para jovens e SADE-Sistema de Aprendizagem Desportivo Universal. Destaco este último por apresentar-me uma abordagem que empreguei na carreira, a de trabalhar por jogos e brincadeiras, partindo da lógica de jogar para aprender e não o contrário, que é muito comum no contexto da EF nas escolas.

Todas essas experiências me tornaram, razoavelmente, capaz de ser um bom professor. Isso era o que pensava. Em 2012 coleei grau e fui aprovado no concurso da Rede Estadual de Ensino. Ao final daquele ano ingressei na escola, mas não cheguei a dar aulas, pois já havia acabado o ano letivo, era dezembro. O ano seguinte, foi meu primeiro ano como professor, logo a primeira vez que teria as minhas turmas e tempo para desenvolver um trabalho de qualidade, chegou o primeiro desafio da profissão!

Não foram os alunos o problema, nunca tive problemas em me relacionar com eles, foi a questão de infraestrutura material a maior dificuldade. Foi a primeira vez que vi o descaso de perto com os professores. O material necessário para eu trabalhar era pouco, mas encontrei meia dúzia de bolas furadas e sem previsão de compra de material. A verba da escola era apertada, e eu precisava suprir muitas necessidades para a EF. Foi nesse momento que senti na pele a profissão, a responsabilidade de ser professor, de ter de fazer o possível para ensinar com o mínimo disponibilizado. Funcionou, foi um ano excelente.

Esperava que, com o passar do tempo, as condições na escola fossem melhorar, mas o material disponibilizado ficou ainda mais difícil de ser fornecido. Por sorte o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência) ajudou com uma boa quantidade de bolas, cones, cordas e com um Slackline. Ocorreu, então, um divisor de águas da minha profissão. Estava na escola já há dois anos, trabalhando vôlei, basquete, futsal, handebol, atletismo. Frustrado por ser “mais do mesmo”. Queria fazer diferente e arrisquei. Procurei iniciar na escola novas práticas de EF: Rugby, Futebol Americano, Slackline, Punhobol, Lutas, isso motivou a mim e aos meus alunos. Nesse mesmo momento, após três tentativas para ingressar no mestrado (embora tenha chegado bem perto), fui classificado para uma especialização em Educação Física Escolar. Conciliando a especialização e o trabalho na escola, fui me moldando como professor, sempre buscando melhorar o meu trabalho e me manter atualizado, mas também percebendo como é difícil.

Infelizmente, muitas vezes percebi como os professores não são valorizados por seu trabalho, haja vista a baixa remuneração. Mas, para além do dinheiro, acredito que a valorização profissional provém de respeito, dos alunos e do corpo escolar, das boas condições para exercer o trabalho, e do respeito perante a sociedade, que muitas vezes esmaga a classe dos professores com cobranças, reclamações e sem nunca trazer uma solução, tampouco debater ou elogiar pelo trabalho feito com o pouco oferecido.

Nesse último ponto, saliento meu interesse por esse estudo.

Comecei, com o tempo, a perceber que alguns colegas estavam se ausentando do trabalho, sempre doentes, com aspecto de cansaço, com um nível elevado de stress. Aliado a isso, por terem de trabalhar em uma escola cada vez mais sucateada, com menos estrutura e verbas, e a conviverem com as cobranças sociais, alguns

colegas se afastaram ou procuraram outras escolas. Aqueles que permaneceram tenderam a ficar mais exaustos e frustrados em relação ao trabalho.

Ao ingressar no mestrado, em agosto de 2015, não sabia o que seria meu projeto. Meu orientador disse-me para pensar em algo que me interessasse ou que me intrigasse. Pensei na minha prática, nos meus colegas, na realidade que a escola enfrenta hoje e, ainda assim, tenta formar um cidadão crítico e participativo para a sociedade. Em meio a um furacão de adversidades, o professor é a figura fundamental na escola, porém nos dias de hoje, infelizmente, não tem recebido os méritos, tem sofrido e adoecido. O estudo do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS, 2009), traçou um panorama da precarização docente em nosso Estado, e apresentou dados referentes à verba ser insuficiente, a falta de material e, de pessoal, a insegurança, os problemas de infraestrutura, entre outros.

Muitos professores por problemas de saúde, além do afastamento necessário, acabam exercendo outras funções na escola ou nas Secretarias de Educação. O Sindicato dos Professores do Ensino Privado do RS (Sinpro/RS), em 2006, fez um levantamento do perfil dos professores do ensino privado do Rio Grande do Sul (RS) e encontrou que 48,5% apresentavam sintomas do estresse, 29,8% possuía problemas na coluna e 29,4% tinha problemas nas cordas vocais. Desses docentes, 83% continuou trabalhando doente e em condições adversas e prejudiciais à saúde. Um estudo da Federação dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino do Rio Grande do Sul (FeteeSul), de 2012, também mostrou que mais da metade dos professores pesquisados encontravam-se com estresse elevado. Ressaltou ainda que havia sobrecarga de atividades extraclasse, excesso de atividades, falta de interesse ou motivação dos alunos, falta de educação ou limites dos alunos, baixa remuneração e prazos estabelecidos para cumprir as atividades.

Além disso, apresentou que 16% dos docentes estava com Síndrome de Burnout (problema psíquico de caráter depressivo, precedido de esgotamento físico e mental intenso) e que 61% deles se encaminhava para desenvolvê-la.

Esse projeto, portanto, justifica-se como uma possibilidade de avaliar se os professores que estão fora da sala de aula, ou seja, sem exercer a docência, tiveram sua saúde afetada por questões relacionadas ao exercício da sua profissão. Ainda, pretende, discutir como a relação entre a escola e os fatores estressantes da

docência, do ponto de vista destes profissionais, poderá ser modificada ou, minimizada.

Neste projeto eu me apoio teoricamente em Paulo Freire, mais especificamente na obra *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 1996). Nela, Freire fala sobre ensinar, diz não haver distância entre ingenuidade e criticidade, entre o saber puro da experiência e o que advém de procedimentos metodológicos. O autor ressalta a necessidade de os professores refletirem sobre as suas práticas pedagógicas de forma crítica, para que estar sempre em um processo de evolução. Sem esse exercício corre-se o risco de a teoria tornar-se um mero discurso e a prática uma reprodução alienada. O professor deve sempre buscar novas formas de ensinar e interagir.

## **2. Problema de pesquisa**

De que forma a realidade do trabalho docente precarizado interfere na saúde dos docentes da Educação Física da Rede Estadual de Ensino na cidade de Pelotas-RS?

## **3. Objetivos**

O estudo pretende compreender de que forma a precarização do trabalho tem influenciado na saúde dos docentes em Educação Física da Rede Estadual de Ensino em Pelotas-RS.

### **Os objetivos específicos são:**

- ✓ Fazer um levantamento do número de professores de Educação Física que estão afastados da sala de aula por licença saúde;
- ✓ Investigar se os docentes afastados tiveram a sua saúde prejudicada, em função do trabalho na escola;
- ✓ Investigar se o tempo de carreira está relacionado ao afastamento/adoecimento do docente;
- ✓ Detectar se a precarização do trabalho foi um fator agravante da condição de saúde dos docentes;

- ✓ Saber se, mesmo afastados ou em desvio de função, os docentes ainda têm apresso pela carreira docente.

## 4. Trabalho, saúde e educação em meio à crise do capital

### 4.1 Trabalho

O trabalho é uma necessidade do ser humano, é a forma pela qual o mesmo consegue seu sustento e sua inserção na sociedade. Para Marx (1989) o trabalho independente da formação social em que está submetido, é indispensável para a existência humana, pois através dele o homem faz um intercâmbio material com a natureza. Assim, com o trabalho ele consegue manter a humanidade, visto que ele é um conjunto de atividades intelectuais e manuais, organizado pelo homem e aplicado sobre a natureza, visando à subsistência.

Engels (2004) ressalta o papel do trabalho na constituição do homem. Segundo o autor, o trabalho é condição *sine qua non* da vida humana e, até certo ponto, é possível afirmar que ele criou o homem.

Quelhas (2011, p. 76) ressalta ainda que:

“trabalho é uma atividade essencial no processo de produção e reprodução da vida humana, sendo impossível a continuidade da vida na terra sem ele. É uma atividade que se desenvolve como parte do conjunto das relações sociais construídas e desenvolvidas pela humanidade ao longo dos tempos. Desta forma, a importância da categoria trabalho extrapola os limites da análise da atividade econômica. Ela também é central para compreender o próprio modo de ser dos homens e da sociedade”.

Quando modifica a natureza, o homem desenvolve suas potencialidades adormecidas e submete aos seus domínios o jogo das forças naturais. O trabalho, portanto é uma atividade exclusivamente humana, pois ao final de seu processo, surge um resultado que já era esperado anteriormente na imaginação do trabalhador. Dessa forma, é pelo trabalho que o homem supera a sua condição de ser biológico, indo para além de sua base orgânica (QUELHAS, 2011).

Na sociedade que segue a lógica do capital o trabalho assume outra dimensão, a de trabalho abstrato, produtor de mercadoria e valor. O processo inicia-se quando há concentração dos meios de produção pertencentes a uma determinada pessoa, transformando-os em meios de produção sociais, gerando também produtos sociais, que são apropriados de forma individual, privada. Como ressalta Marx (1989), o valor de uma mercadoria se dá pela quantidade de trabalho abstrato despendido para a

fabricação produção de determinado produto, no caso o trabalho socialmente necessário para produzir um valor de uso qualquer, em condições de produção normais e com grau social médio de destreza e intensidade de trabalho.

Da forma em que a sociedade se organiza, o trabalho é um produtor de mercadorias. Na forma abstrata, o trabalho serve como um meio de troca, e o valor de uma mercadoria se dá pelo tempo de trabalho socialmente necessário nessa produção. Assim, ele deixa de ser uma atividade que faz parte da vida, para tornar-se o meio de ganhar a vida, pois o homem não possui mais sua integralidade, não produz o que consome e não consome o que produz. Dessa forma, passa a ser trabalho estranhado, abstrato, produtor de valor de troca, mercadoria (ANTUNES, 2005).

Valencia (2009) e Marini (2000), ao falarem sobre trabalho produtivo, sintetizam essa perspectiva. Ambos, afirmam que o trabalhador produtivo, é todo indivíduo assalariado que produz mais-valia, a qual é à diferença entre o valor final da mercadoria produzida e a soma do valor dos meios de produção e do valor do trabalho, de maneira direta ou indireta para o capital, e o mesmo não está restrito à produção material. Para esses autores, a classe trabalhadora inclui pessoas dentro ou fora da indústria, no campo ou na cidade, da produção material ou imaterial. Seguindo essa lógica, podemos afirmar que os professores podem ser considerados trabalhadores indiretamente produtivos uma vez que, são responsáveis por produzir o conhecimento, um bem imaterial e incomensurável.

Temos vivido um momento em que uma nova crise assola o capitalismo, forçando mais trabalhadores para o desemprego e o subemprego. Essa situação faz com que os trabalhadores submetam-se a condições de trabalho que exploram a mais-valia, demonstrando as deficiências do sistema capitalista em manter condições de vida dignas para a maioria da população. Nesse contexto, o trabalho se apresenta com grande relação nas questões referentes à saúde.

As consequências da crise estrutural do capital se tornam mais evidentes em espaços de tempo cada vez mais curtos (MÉSZÁROS, 2009). As alternativas que o capitalismo tem adotado são perceptíveis, assim como citado anteriormente, desemprego e subemprego, exploração da força de trabalho. Como explicita Both (2011) evidencia-se a lógica da exploração do homem pelo homem, em que a classe dominante detém os meios de produção e, conseqüentemente, se apropria de forma

privada do resultado da produção realizada por outra classe, a dos trabalhadores, que possui como forma de sobrevivência a venda de sua força de trabalho.

Como apresenta Harvey (2011, p. 11), “a crise é constituída do modo de produção capitalista, não existindo, portanto, capitalismo sem crise, as crises sempre existirão, principalmente, pelo fato da sociedade capitalista ser marcada pela contradição antagônica entre as classes sociais (proletariado e burguesia)”. Dessa forma, a partir do que Marx chama de mediações de segunda ordem, quando tudo passa a ser controlado pela lógica que valoriza o capital, sem levar em consideração os imperativos humanos-sociais, a produção e consumo supérfluos acabam gerando problemas no trabalho, conseqüentemente desemprego estrutural e precarização, além de impulsionar uma destruição da natureza em larga escala.

O sistema capitalista na sua forma de produzir a vida, a práxis produtiva, cria objetos humanizados nos quais os seres humanos não se reconhecem. Uma contradição do sistema refere-se à tensão capital x trabalho, ou seja, a luta de classes como motor da história (Marx e Engels, 2008). Essa contradição gera crises que são parte da estrutura do capital, as chamadas crises estruturais. Assim o sistema vive em crises cíclicas, buscando fortalecer-se a cada nova forma assumida, aprofundando seu estado metabólico.

Como trata Peixoto (2010) os dados da realidade nos possibilitam afirmar que as leis gerais do desenvolvimento histórico do capitalismo, permanecem inalteradas e são hegemônicas pelo mundo, determinando o conteúdo e a forma como os homens vivem.

Nessa lógica, trabalho e educação apresentam uma relação. Ambos são atividades especificamente humanas, possuindo uma relação de identidade ao passo que os homens aprendiam a produzir sua existência enquanto a produziam (Saviani, 2010). O fato relatado era visto nas comunidades primitivas, onde a educação coincidia diretamente com o mesmo, nesse, homens apropriavam-se de forma coletiva dos meios de produção da existência, e através desse processo se educavam e educavam as gerações seguintes. Nessas sociedades, a educação era uma ação espontânea, não se diferenciando das demais ações, inteiramente atrelada aos processos de trabalho, e quando os homens se dividiram em classes a educação seguiu esse curso, diferenciando-se em educação para classe dominante e classe dominada. Assim surgindo à escola, onde a educação para a classe dominante (que

dispõe de tempo livre, lazer) organizou-se de forma escolar, enquanto para a maioria a educação continuava a coincidir com o processo de trabalho.

Ainda Saviani (2010), coloca que o modo de produção capitalista trouxe mudanças decisivas na Educação, colocando o Estado como o protagonista e assim criando a ideia da escola pública, universal, gratuita, leiga e obrigatória. Com isso, a escola começou a ter responsabilidade na reprodução do modo capitalista, e com a separação da sociedade por classes, principalmente escravista e feudal, foram determinantes para a distância entre o trabalho e a educação. Portanto, a divisão do trabalho em manual e intelectual corroborou para a Educação alterar suas formas de ação, passando a existir a educação para o trabalho intelectual. Essa visava à preparação dos futuros dirigentes que se exercitavam em funções de liderança militar e política, através do domínio da palavra, regras de convívio social e conhecimento dos fenômenos naturais. A formação dos trabalhadores estava fora desse contexto, as suas funções manuais não necessitavam de formação escolar, sendo assim, a formação dessa classe acontecia juntamente com o exercício de sua profissão. Com a Revolução Industrial a Educação passou por uma revolução também, enquanto a máquina era colocada como o centro da produção, a escola passou a ser a forma dominante e principal de educação.

A partir da década de 60, com o surgimento da teoria do capital humano, a educação teve um novo olhar, continuava meramente ilustrativa, mas decisiva no desenvolvimento econômico. Dessa forma, uma estreita ligação entre trabalho e educação é firmada, entendendo-se que a educação potencializa o trabalho (SAVIANI, 2010). Podemos observar que a realidade docente é de um trabalho precário, onde os docentes submetessem a contratos temporários, sem estabilidade e sem direitos. Isso se associa a intensificação do ritmo de trabalho, achatamentos e perdas salariais, captura da subjetividade do trabalhador e de retirada direitos (CUNHA, 2010).

Weber (2003) ressalta que, a partir da década de 80 os professores passaram a ser reconhecidos como os principais agentes de mudança, na qualidade do ensino e democratização da sociedade brasileira. Mas ao que parece, pelo menos no que vivo no dia-a-dia e o que vem sendo apresentado nas mídias, o professor hoje em dia é desvalorizado e subjulgado, como se a profissão de docente fosse algum favor para a sociedade. Pois bem, em seu estudo o autor aborda a questão da profissionalização,

trazendo como dados de que a profissão docente somente foi normatizada quando o Estado evocou para si o controle da escola, tentando atender os processos de modernização da sociedade. Na legislação, a Lei nº 4024, de 1961, trata sobre o professorado pela primeira vez. Novamente, em 1971, na Lei nº 5692 prevalece a visão de educação como capital humano. Somente em 1988, na Constituição Federal, que é afirmada a dimensão profissional da docência, “a valorização dos profissionais do ensino”, que foi empregada na designação de educador.

Posteriormente, com a Lei nº 9394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a expressão *profissionais da educação* é utilizada, enfatizando as dimensões políticas e sociais nas atividades, além dos conteúdos e tecnologias a serem trabalhados. Foram estabelecidos alguns marcos, os quais tornaram a atividade docente essencial para a sociedade, sendo visto como um indicador da passagem de ocupação para uma profissão. O autor ressalta que:

“em 1993, quando é desencadeada a discussão sobre o Plano Decenal de Educação para Todos – 1993-2003, que teve como um dos seus produtos o Pacto de Valorização do Magistério, o qual previa, entre as medidas a tomar, a realização de estudos e pesquisas sobre a formação do magistério, o papel das instituições na formação inicial e continuada, programas, prevendo-se a progressiva formação em nível superior e a revisão dos programas das licenciaturas, a articulação entre formação inicial e formação continuada (p. 1137)”.

Já se passaram 13 anos desse plano decenal, mas de tudo que é apresentado, mesmo que seja executado, não dão conta da demanda profissional, social, e simplesmente não modifica o quadro da educação. O que temos encontrado então? Uma precarização do trabalho docente, que afeta todos envolvidos com a educação, alunos, professores, diretores e gestores, colocando a educação em cheque, pois é de suma importância para o desenvolvimento de um país, mas em contrapartida é muito pouco assessorada e valorizada.

Segundo Cunha (2010), de forma geral, a precarização do trabalho não se apresenta apenas de forma econômica, ela também é social na medida em que interfere na forma de existência, cultura e política da classe trabalhadora, no momento em que interfere na auto percepção que os trabalhadores têm de si e no mundo que se organizam.

O mundo do trabalho da forma como é estruturado atualmente vem ampliando o desemprego estrutural, diminuindo o emprego estável e assalariado, ampliando o desemprego e o trabalho precário. Isso faz com que muitos trabalhadores, inclusive

os docentes tenham de sobreviver na economia informal, sem direitos trabalhistas, ou ainda contratos temporários, sem garantia de manutenção do posto de trabalho. O que se percebe, como ressalta Both (2011), é uma maior precarização do trabalho docente nas escolas, objetivando índices, que são cobrados por organismos internacionais que liberam recursos (como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, que a serviço do capital entendem a educação como alívio da pobreza nos países dependentes). Portanto não se deve desperdiçar recursos com educação, e nesse ideário ocorrem as enturmações (ação de juntar duas turmas ou mais de mesmo ano), multisseriações (turmas de vários anos dividindo a mesma sala de aula), precarização de material e infra estrutura, defasagem dos salários, etc.

Atrelado a todas essas relações entre trabalho, educação e sociedade, encontramos uma crise de forma geral nessas três esferas. A educação sofre diretamente as influências da sociedade, as crises enfrentadas pela população afetam as práticas educacionais, na forma de precarização do trabalho e outros problemas enfrentados pela escola.

#### **4.2 Crise Educacional e precarização do trabalho docente**

Na atual conjuntura da sociedade capitalista, a educação encontra-se em crise juntamente com o sistema. O Brasil passa por um momento de crise como nunca visto. Escândalos e mais escândalos envolvendo a cúpula do governo, aliados e oposição. Isso tudo aliado também a uma crise financeira que vem promovendo cortes brutais nos orçamentos dos mais variados setores, dentre os mais afetados podemos citar a Educação. Por exemplo, em São Paulo foi determinado o fechamento de cerca de 30 escolas públicas, pra contenção de gastos, porém, graças à mobilização de servidores, alunos e pais de alunos a ação foi revertida.

No RS segue, assim como no âmbito federal, um momento de crise econômica bastante severa. Enfrentamos uma das piores crises das últimas duas décadas, que, aliado a um governo que se constrói sob a justificativa de contenção máxima, tem promovido uma série de ações que afetam diretamente e drasticamente os servidores públicos, como parcelamento de salários, não pagamento de décimo terceiro salário, congelamento dos salários até o fim do mandato do governador atual (2018), fim de benefícios como licença prêmio, mudanças na forma de eleição e pagamento de

vantagens à cargos diretivos em escolas, leis que permitem a busca de parcerias privadas para conservação e manutenção da escola pública, entre outros. Fora isso, há ainda a não contratação de novos professores, muitos aprovados em concurso, ocasionando na elevação de carga horária dos que já se encontram em sala de aula, elevação do número de alunos por turma e falta de repasses financeiros às escolas que já contam com um sucateamento anterior a crise e vem se agravando ainda mais com a atual gestão.

Em meio a isso, estão os professores que nessa situação, são pressionados a construir com os alunos conhecimentos e educação, mesmo sem saber se ao final do mês conseguirão honrar as dívidas e, em muitos casos, manter a dignidade (vestir-se, comer e ter um tempo para cuidar da saúde e/ou do lazer juntamente com a família).

Os estudos realizados pelo Feteesul em 2012 e pelo CPERS em 2009, trazem dados sobre a precarização do trabalho docente, a saúde dos professores e sobre a situação da educação gaúcha. Ambos os estudos foram organizados e conduzidos, com intuito de reivindicar melhorias para a educação do nosso Estado.

O estudo realizado pelo CPERS em 2009, durante o mandato da governadora Yeda Crusius (2007-2011), relata que sofreu com os movimentos para impedir a realização do estudo, como a proibição da circulação do documento, que os educadores respondessem ao questionário ou permitissem a pesquisa nas escolas. Fica evidente aqui a prevalência do regime capitalista, tentando mascarar as suas falhas e impedir que os trabalhadores procurem melhores condições de trabalho e realização pessoal e/ou profissional. Nesse estudo, foram investigadas 226 escolas, pertencentes a 122 cidades em todo o estado, sendo entrevistadas 452 pessoas, entre docentes, equipe diretiva, comunidade escolar e alunos. Três pontos foram evidenciados entre os resultados da pesquisa: carência de recursos humanos, falta de segurança e falta de recursos materiais.

Quanto aos recursos humanos, dos diretores entrevistados 47,1% afirmaram que o número de professores era insuficiente e 58,5% afirmaram que o número de funcionários não atendia a demanda da escola. Um exemplo disso é o fato de 60% das escolas pesquisadas não contarem com o Serviço de Orientação Educacional (SOE), outras 43,5% sem refeitório à noite, 30,2% sem refeitório permanentemente.

Fica evidenciado nessas situações problemas de distribuição de verbas e de pessoal, afetando serviços básicos da escola e de direito do aluno.

Sobre a falta de segurança 60% dos entrevistados reportaram lembrar ou presenciar atos de violência na escola e arredores. Encontrou-se um dado referente ao tamanho das escolas, evidenciando que, quanto maior era a instituição de ensino, mais episódios de violência eram vivenciados ou recordados.

Nos recursos materiais encontramos os dados mais significantes, 57,9% dos entrevistados não estão satisfeitos com as condições de manutenção das escolas. De todos os itens avaliados na pesquisa, o que obteve a pior avaliação foram o espaço esportivo, quadras e ginásios, seguido pela segurança nos arredores da escola. Além disso, 81,6% dos entrevistados afirmam que a verba recebida não cobriam as necessidades da escola, ou seja, a comunidade escolar e equipe diretiva tinham de recorrer a outros artifícios para conseguir educar os alunos e administrar a escola da melhor maneira possível.

No estudo realizado pelo Feteesul (2012), encontraram-se dados que confirmam que as condições de trabalho têm um impacto expressivo na saúde dos professores, apresentando elevados índices de professores sofrendo consequências do estresse, refletindo uma realidade preocupante da profissão. Investigou-se o estresse do professor do ensino privado no Estado do Rio Grande do Sul, apontando resultados alarmantes sobre a saúde mental desses profissionais e das condições de trabalho atuais.

Foram citados dados referentes a um estudo feito pelo Sinpro/RS (Sindicato dos Professores do Ensino Privado do Rio Grande do Sul) em 2006, onde o objetivo era de fazer um levantamento do perfil dos professores do ensino privado do Rio Grande do Sul. Encontrou-se que 48,5% dos professores apresentam sintomas do estresse, 29,8% tem problemas na coluna e 29,4% problemas vocais. Além disso, apresenta um dado preocupante, onde 83% desses docentes continuam trabalhando mesmo doentes, uma pessoa que não está nas suas melhores condições físicas e mentais não poderá desempenhar seu trabalho com qualidade, prejudicando seus alunos e seu futuro funcional.

O estudo da Feteesul realizado em 2012 foi feito com 202 professores, localizados em sete cidades do estado (Caxias, Pelotas, Passo Fundo, Santa Maria,

Porto Alegre, Canoas e São Leopoldo). Foi enviado pelo correio aos participantes, Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL), o Questionário para a Avaliação da Síndrome de Quemarse por el Trabajo (CESQT) e um Questionário de Dados Sócio Demográficos e de Estresse Laboral.

Os dados encontrados apontaram que 58,4% dos professores encontravam-se com estresse, onde predominou a fase de resistência em 50,5% dos pesquisados destacando-se os sintomas cansaço excessivo e tensão muscular. Quanto ao trabalho, os dados a seguir são referentes a uma escala de 1 a 5, onde os valores maiores ou iguais a 3 representavam fatores de estresse. Foram considerados mais estressantes a sobrecarga de atividades extraclasse, o excesso de atividades, falta de interesse ou motivação dos alunos, falta de educação ou limites dos alunos, baixa remuneração e os prazos estabelecidos para cumprir as atividades. No questionário CESQT, utilizado para avaliar professores com Síndrome de *Burnout*, encontrou-se que 16,82% dos docentes apresentavam sintomas da síndrome e 61,8% dos mesmos encontram-se com altos índices de *Burnout*. Os professores mais afetados foram os de ensino médio e fundamental.

Alguns estudos realizados sobre essa temática do trabalho apresentam resultados condizentes com os encontrados nas pesquisas do CPERS e da Feteesul.

O que se vê atualmente é certa controvérsia no discurso político do governo, situação essa já presenciada lá na no final dos anos 60 e início dos anos 70, descrita por Balzan e Paoli (1988) *apud* Diniz (2000). Os autores trazem a situação como um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que houve um discurso governamental de valorização da educação, este veio acompanhado de uma significativa redução nos recursos públicos destinados a setor educacional, corroborando para a piora da situação. Ainda hoje esse discurso está presente, ao mesmo tempo em que uma gama de propagandas e incentivos, até mesmo financeiros (como é o caso do FIES<sup>1</sup>), para que os estudantes optem pelas licenciaturas, são explicitadas nos meios de comunicação, as brigas por aumentos de piso salarial e os salários que são anunciados em concursos públicos são vergonhosos, fora as outras complicações que

---

<sup>1</sup> O FIES (Programa de Financiamento Estudantil), dentre outros requisitos para o financiamento tem priorizado algumas licenciaturas como química, física, matemática e biologia. E ainda, de acordo com as propagandas, não há necessidade de fiadores para os cursos de licenciatura (Site FIES CAIXA. Disponível em <[http://www3.caixa.gov.br/fies/FIES\\_FinancEstudantil\\_financiamento.asp](http://www3.caixa.gov.br/fies/FIES_FinancEstudantil_financiamento.asp)>. Acesso em 08/05/2011)

se estabelecem no cotidiano escolar, como escolas sucateadas, abandonadas e ainda nos mesmos moldes de quando esse futuro professor era aluno.

Gadotti (1987), analisando a educação brasileira do início dos anos 80, inserida em uma sociedade capitalista, fala:

“a deteriorização da educação é consequência dessa política orientada pela tecnoburocracia a serviço do estado burguês, que não quer investir em qualidade, já que o lucro – a sua finalidade – provém da quantidade e não da qualidade. Ele transformou a ‘educação em mercadoria’, sujeita a lei do capital, da oferta e da procura, como uma mercadoria qualquer. Incentivou a ‘privatização do ensino’ e da cultura porque não interessa ao capital investir em educação através do Estado, visto que pode utilizar os eventuais recursos destinados à educação para empreendimentos de retorno imediato (p. 12)”.

Outro autor que traça uma ideia sobre a educação é Miguel Arroyo, em seu texto de 1985, no qual afirma que as reformas e as políticas governamentais, geralmente, tem foco em uma suposição. Diz ele: “no dia em que tivermos educadores mais qualificados, teremos resolvido os problemas da educação.” Essa afirmativa é uma simplificação do problema, aqui ficam esquecidas as condições materiais. Nota-se uma relação de preparo com sucesso ou fracasso. Arroyo completa que: “a desqualificação do mestre é apenas um dos aspectos da desqualificação da própria escola” (1985, p.7).

Parando para refletir sobre a profissão me amparo em Kreutz (1986), esse autor tenta acabar o mito de que magistério é um sacerdócio, uma “vocação santa”, trazendo relações históricas e culturais sobre o assunto. O autor diz que essa concepção do magistério dificultou muito os professores na participação de uma organização da categoria e nas reivindicações salariais, acarretando também numa resistência da sociedade com os mesmos, com cobranças de uma postura vocacional e de doação.

Soma-se a isso a ideia de Haguette (1991), que, coloca em voga a identidade do trabalho docente como um bico, sendo fruto do total descaso com a carreira do professor no Brasil: “o trabalho na educação é um bico, no discurso uma vocação e como veleidade uma profissão” (p.109). Bico, neste caso, é definido como trabalho realizado em tempo parcial para receber uma recompensa monetária, independente do valor, trabalho que não oferece satisfação pessoal, que simplesmente serve como uma maneira de sobreviver, não é permanente, até se conseguir algo melhor. Haguette afirma que um círculo de mediocridade é criado, ou seja, o empregador (estado, município) finge que remunera e o empregado (professor) finge que trabalha.

Sobre a vocação, ele a trata como uma ideologia que serve de autodefesa, como uma forma de motivação para manter-se na profissão de docente.

Nesse ponto, sobre o profissionalismo, Hypolito (1991) trata em seu texto que o docente ora é visto como profissional, e ora como trabalhador proletarizado. Segundo ele, no Brasil ocorre de maneira acelerada um processo de proletarização do docente, onde há alguns anos o professor era um profissional autônomo, reconhecido, uma autoridade e atualmente, em sua maioria, são identificados como assalariados, desqualificados, sem controle sobre seu trabalho e sindicalizados.

Onde está o problema? Será somente o investimento financeiro, ou agora as consequências vão além do bom salário? Será que a formação a qual estamos submetidos tem se mostrado suficiente para formar o professor de hoje? O que é necessário ser para “ser professor”? Será a licenciatura um bico, uma vocação ou uma profissão? (DINIZ, 2000). A única certeza a qual podemos ter é que todos esses fatores complicadores da profissão estão atrelados à situações históricas, socialmente construídas e relacionadas a relações de poder maiores que imaginamos, e não há melhor forma de tentar modificá-las senão conhecendo essas construções e buscando basear-se nelas para entender e agir na atualidade.

Segundo Oliveira (2004) as reformas educacionais dos anos 90 tinham a educação como ponto partida, no âmbito da igualdade social, onde em todos os níveis, a educação procurasse formar para a empregabilidade. Essas medidas fundamentaram a precarização do trabalho docente, intensificando o ritmo do trabalho docente, com perdas salariais, retirada de direitos, atingindo assim toda a classe trabalhadora.

Outro fator importante de ser avaliado nesse aspecto é a temática abordada por Nóvoa (2004), que busca relacionar o professor como um ser impossível separar o domínio profissional do pessoal, ou seja, o professor pode tentar deixar os problemas do lado de fora da sala de aula, mas será impossível esquecê-los. Além disso, essa interligação de domínios é parte importante dos processos de construção da identidade profissional. E, parece ser, bastante difícil ser um profissional totalmente realizado, quando as condições de trabalho e financeiras também, são sinônimos de preocupação e lesam a qualidade de vida.

Já o texto de Lessard e Tardif (2008) traz outro importante aspecto a ser discutido, muito se fala nas crises que vem se instaurando nos sistemas de ensino, tanto em nível de educação básica, quanto de ensino superior. Essas crises têm evidenciado a decomposição de um sistema de ensino, sem que outro tenha surgido, e assim os professores têm sido abandonados à própria sorte, tentando encontrar saídas para a crise, fazendo “o possível” enquanto praticam um “ofício impossível” (LESSARD E TARDIF, 2008, p. 259).

Como expõe Cunha (2010), temos a ideia de que a precarização do trabalho não é, resumidamente, um processo econômico, uma reestruturação produtiva, ela tem implicações sociais, culturais e políticas. Sociais pelo fato de interferir na forma de existência da classe, e culturais e políticas, por que interfere na autopercepção dos docentes, sobre si mesmos e na sua organização. Esses fatores, segundo Freitas (1998) são alguns dos que afetam a organização do trabalho na escola, principalmente na organização do trabalho pedagógico. Aliado a esses fatores, Taffarel (2009) salienta que o momento atual é de mundialização da educação, onde se encontra o aprofundamento da crise do capitalismo, inclinando para o aumento das taxas de exploração, mudando os papéis do Estado, produção de tecnologia, educação e composição da classe trabalhadora, implicando diretamente na luta política e ideológica.

Em todo esse processo está o professor, tendo de manter-se atualizado, com aulas que interessem aos alunos, transmitindo os conteúdos necessários, bem como, em muitos casos, ter de cumprir funções além de sua. Além disso, como apresentam Wittizorecki, Molina Neto e Bossle (2012) a ampliação do papel do professor, diminuição da responsabilidade familiar sobre a educação, revolução eletrônica e o crescimento e difusão de meios eletrônicos como instrumento pedagógico, exaltação de valores como individualismo, competitividade e obsessão pela eficiência surgem como elementos que auxiliam para a perplexidade docente, em uma sociedade de constantes transformações.

Wittizorecki, Molina Neto e Bossle (2012) expõem ainda outro problema que as escolas e docentes enfrentam atualmente. Diante de todas essas mudanças sociais, que tem levado a mudanças no seu trabalho, eles devem repensarem a si próprios. Na Educação Física isso fica muito evidente, como apresentam Wittizorecki e Molina Neto (2005), algumas mudanças sociais têm produzido um distanciamento entre o

que era constituído como tarefa primordial na escola (ensino-aprendizagem das manifestações da cultura corporal do movimento humano) e demandas de outra ordem, gerenciamento de conflitos e novas tarefas de inovações curriculares.

Hargreaves (1996) nos ajuda a entender esse quadro, citando que o problema está na confrontação de duas forças poderosas. O mundo, está cada vez mais pós-industrial e pós-moderno, com transformações aceleradas, compressão de espaço/tempo, diversidade cultural, insegurança e complexidade tecnológica. No entanto, o sistema escolar modernista, monolítico, continua em busca de finalidades anacrônicas, sustentado em estruturas inflexíveis. Nota-se aqui, portanto, a principal dificuldade dos docentes, na constante atualização, o papel de educar foi confundido com o de ensinar valores, transferido da família ao professor, à escola.

O modelo de ensino, que sustenta grande parte das escolas, orientadas em princípios modernistas (HARGREAVES, 2003) - ou seja, divididas por séries, com avaliações tradicionais, ensinando conteúdos memorizáveis - dificulta que os professores consigam evoluir. O sistema de ensino brasileiro não conseguiu seguir a expansão do conhecimento e da tecnologia, e isso faz com que os professores tenham uma série de complicações físicas e mentais, pois são pressionados pelos alunos, que querem conteúdos e formas de ensinar novos, pelos pais que querem saber da educação dos filhos e pela sociedade, que não reconhece e não valoriza o trabalho que os docentes realizam. Todos esses fatores em conjunto são responsáveis pela precarização do trabalho docente, ou pelo menos, são uma parcela bem significativa da situação atual do corpo docente (MARQUÊS, 2011; LIMA, 2012).

O Estado se exime de suas responsabilidades, utilizando-se de discursos sobre o aumento da independência e autonomia das escolas e universidades (LESSARD; TARDIF, 2008), das baixas condições financeiras e de trabalho, as quais hoje não atraem e precisam ser mascaradas pelo discurso da vocação ou dom para ser professor (DINIZ, 2000).

De acordo com panfletos do CPERS distribuídos no início desse ano letivo de 2016, a defasagem no salário do magistério público estadual é de 69,4%. Levando-se em consideração a Lei do Piso (Lei 11.738 de 16/07/2008) e as inúmeras PL's aprovadas durante o ano passado - que modificaram em muito a vida profissional do funcionalismo público -, um clima de terror foi instaurado. O medo de não receber, de ser exonerado, de não conseguir pagar contas ao final do mês torna-se constante.

Com esse clima de que maneira a Educação vai evoluir? Como será possível realizar um trabalho de qualidade? E o direito a uma vida com qualidade, de se poder praticar uma atividade física, de ter momentos de lazer, de descanso está afetado? E a saúde mental dos docentes do magistério estadual, como está?

O que pode acontecer nesse cenário? Adoecimento do professor, estresse, desenvolvimento de síndromes/transtornos e poucas soluções? Em uma sociedade doente nos últimos anos, como definem Muotri e Simões (2011), o homem tem se tornado suscetível a alterações patológicas, tanto físicas quanto mentais. Devido ao avanço da ciência ou simplesmente por nos submetermos a uma sociedade cada vez mais competitiva, faz necessário uma constante adaptação para sobreviver.

### 4.3 Saúde

Existem muitos conceitos de saúde ou de como a mesma deveria ser abordada e entendida pela população. No entanto, a definição mais adotada pela área da saúde está embasada, especialmente, na ausência da doença (Lewis, 1986). Canguilhem (1995), por exemplo, caracterizava a saúde como a possibilidade de agir e reagir, de adoecer e se recuperar. Com uma proposta mais ampla e concreta, Minayo(1992) trouxe como conceito de saúde a ideia de que a:

“saúde é o resultante das condições de alimentação, habitação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. É, assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida (p.10)”.

A autora ressalta ainda que a saúde relaciona-se com a história do indivíduo e deste com a sociedade, ela é uma experimentação do indivíduo. Nos últimos anos, a saúde, de forma geral, tem sido alvo de inúmeras campanhas publicitárias e ações de cunho governamental, com o intuito de alertar à sociedade para os riscos do “adocimento do corpo”. Essas intervenções e publicidades se refletem também no ambiente escolar, porém de forma muito sutil e mais voltada ao corpo discente, não havendo grandes debates sobre a saúde do docente e das condições que têm levado esses sujeitos ao adocimento.

A promoção da saúde é advinda da combinação da assistência social e ambiental, encorajando comportamentos e/ou ações, conduzindo à saúde (Powell *et al.*, 1991). A mesma atinge seus objetivos combinando atividades planejadas para gerar um comportamento normal de indivíduos e populações. Os autores ressaltam ainda, que tais ações passam pela escola, de forma que esse local pode apresentar possibilidades de melhores escolhas, responsabilidades e apresentando-se como um ambiente social adequado.

Mesmo a escola sendo esse espaço determinante nas escolhas saudáveis dos alunos, será que isso acontece? Será que o professor se encontra em condições de saúde tão favoráveis a ponto de estimular os alunos? Será que ele mesmo consegue sentir-se estimulado a buscar uma saúde melhor? Por que muitos professores se

afastam da sala de aula (NORONHA, 2001; ASSUNÇÃO, OLIVEIRA, 2009), mesmo tendo conhecimento de como buscar uma melhora na saúde?

As questões apresentadas trazem à tona a possibilidade de um debate sobre o conceito de saúde, diminuindo a simplificação que abrange o senso comum sobre esse fenômeno. Não é possível entender tal conceito de modo reducionista, através, unicamente dos pressupostos biológicos e das associações estatísticas feitas nos estudos epidemiológicos (BAGRICHEVSKY, PALMA E ESTEVÃO, 2003), pois tal pensamento traz consigo alguns problemas que se tornam barreiras à busca de uma melhora da saúde. São eles:

a) o foco centra-se na doença; b) a culpabilização do indivíduo; c) a crença na possibilidade de resolução do problema encerrando-se uma suposta causa, a qual recai no processo de medicalização; d) a naturalização da doença; e) e o ceticismo em relação a contribuição de diferentes saberes para auxiliar na compreensão dos fenômenos relacionados a saúde.

O professor, atualmente vive em uma sociedade que não valoriza a sua profissão e não lhe dá subsídios necessários para desempenhar seu papel de educador com qualidade (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009). O trabalho docente, acentuou-se com o passar dos anos, aumentando o número de alunos por sala de aula, intensificando o trabalho e sem nenhuma melhora em suas condições de trabalho (ASSUNÇÃO E OLIVEIRA, 2009). Essa intensificação, de forma geral, vem na forma de não cumprimento do 1/3 da carga horária dedicada ao planejamento, forçando assim os professores a levarem trabalho para casa, como a correção e organização de provas e trabalhos.

Os autores apresentam, alguns estudos como o de Melchior (2008) e Noronha (2001), que explicitam o elevado número de alunos em sala e as diversas funções desempenhadas. O estudo de Noronha (2001), apresenta o caso de uma professora que possuía 170 alunos para ministrar aula durante todo o ano e que adaptava seus horários de folga para dar conta de todas as tarefas referentes às ações escolares. É explicitado pelos autores o problema de executar o seu modo operatório, em detrimento da pressão temporal exercida pela escola.

Gasparini, Barreto e Assunção (2006) enfatizam que, o papel do professor extrapolou o processo de mediação do conhecimento do aluno, ampliou-se para fora da sala de aula, fazendo articulações entre comunidade e instituição de ensino,

participando da gestão e do planejamento escolar, o que significa uma dedicação ampliada e mais exaustiva. Essa ampliação não é de modo alguma negativa do ponto de vista de melhoramento profissional do docente, porém representa uma sobrecarga de funções, o que acarreta muitas vezes na falta de condições para realizar um trabalho de qualidade. Dentre os fatores para tal ampliação da jornada docente podemos citar os problemas das escolas, quais sejam: infraestrutura, corpo docente reduzido, violência (que leva muitos colegas à desistência da profissão), baixos salários. Em relação a este último aspecto, segundo Barreto e Leher (2003), a Unesco apresentou dados que apontam o Brasil como o terceiro país que pior remunera os profissionais da educação. Sendo assim, o professor depara-se com uma realidade estressante e problemática, a qual resulta, muitas vezes, em problemas que afetam diretamente sua saúde e disposição para o trabalho.

A saúde do profissional de educação é apresentada como um ponto que vem sendo prejudicado pela carga de trabalho (VIANELLO, ASSUNÇÃO E GAMA, 2008). Tentando responder as demandas trabalhistas o professor busca estratégias operatórias que geram uma sobrecarga do corpo. Além disso, os transtornos psíquicos são os problemas de saúde que mais afetam os professores, sendo responsáveis por afastamento de função. Os professores possuem duas vezes mais chances de desenvolver um transtorno psíquico do que o restante da população (ASSUNÇÃO, 2003; SIQUEIRA E FERREIRA, 2003; DELCOR *ET.AL.*, 2004).

Estudos mostram que o docente vem sendo afetado por problemas de saúde desde a década de 80. As primeiras ocorrências noticiadas e ocasionadas por alterações referentes ao trabalho são de países europeus (Suécia, França, Alemanha e Reino Unido) (CRUZ *et. al*, 2010). Os principais eram o estresse e a Síndrome de *Burnout*, ambas com implicações sobre o absenteísmo por doença e abandono da profissão (ESTEVE, 1987). Cruz *et al.* (2010), destacaram que os docentes estão invariavelmente em uma condição de predisposição aos transtornos psicossociais relacionados ao trabalho, os quais estão associados a agravos nas condições físicas, como a LER (Lesão por Esforço Repetitivo), que acentuam os desgastes profissionais.

Mendes (2006) dá destaque ao estresse do professor, e as enfermidades que decorrem para além do exercício da profissão, as associadas às condições mais amplas geradoras deste (insegurança, baixos salários, violência escolar,

constrangimentos institucionais, meio social de atuação, jornada de trabalho, aposentadoria e temas relacionados à progressão funcional).

De forma direta ou indireta, todos esses fatores influenciam a saúde de um profissional, gerando problemas psicológicos e físicos, entre outros. Zaragoza (1999) chamou de mal-estar docente a sensação de mal-estar difuso. Ele elaborou um modelo para explicar as relações funcionais existentes entre os múltiplos fatores indicadores dos sintomas. Considerou que uma determinada combinação de fatores poderá conduzir os professores a um estado de ansiedade, denominado *esgotamento docente*, que afeta a sua personalidade.

Não diferentemente, Zaragoza (1999). Assunção (2008, p.5) definiu o mal-estar docente como:

(...) a presença de obstáculos relacionados ao volume de trabalho e à precariedade das condições existentes, mas também as altas demandas no trabalho, incluindo as demandas emocionais, junto à uma expectativa social de excelência, cujo limite é exigir do professor uma atuação capaz de reverter a situação na qual se encontra.

A saúde do professor tem sido estudada com frequência, a pelo menos duas décadas, e ainda é um tema atual. Os resultados obtidos, de forma geral, apontam para um elevado nível de estresse e problemas psicológicos entre docentes (GASPARINI, BARRETO E ASSUNÇÃO, 2005 E 2006; LEMOS E CRUZ, 2005; REIS ET AL., 2006; CARLOTTO, 2002; CARLOTTO E PALAZZO 2006). Tem se observado cada vez mais professores abandonando a profissão, ou procurando exercer outras funções na escola, evitando a sala de aula. O notado mal-estar docente está pautado por uma série de fatores do dia-a-dia dos profissionais, muitos deles complicados de alterar por questões políticas, econômicas e sociais.

A Educação Física na escola apresenta-se como uma ferramenta para promoção de saúde (GUEDES, 1999), tendo como papel a transmissão de conhecimentos e conteúdos referentes à saúde. No Programa de Pós-Graduação em Educação Física (EF), da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (PPGEF/UFPel), foram desenvolvidos cinco trabalhos sobre o trabalho e a saúde docente em nível da educação básica e superior.

Nestes, foi relatado que o trabalho docente tem sido abordado segundo a lógica capitalista, da produção de mais valia, diferença final da mercadoria e a soma dos meios de produção e valor do trabalho, base do lucro capitalista. Como salienta Marx

(1989) a estrutura social capitalista tem se utilizado de mediações de segunda ordem, mantendo-se assim hegemônica e subjugando o trabalho, alienando assim os trabalhadores.

Em sua dissertação, Both (2011) realizou um estudo investigando as mudanças no mundo do trabalho e como isso influencia a vida do trabalhador, mais especificamente, o profissional de EF. Realizado em Pelotas, com profissionais que trabalham em academias e escolas. Segundo ele, a EF perdeu o seu papel central no projeto pedagógico dominante, no mundo capitalista, para as disciplinas consideradas mais voltadas para o novo trabalhador. O autor relaciona ainda, que o espaço não escolar está crescendo no mercado, fazendo a EF debruçar-se sobre esse espaço precarizado e que parece seguir o modelo do Toyotismo. O autor defende que se modifique o processo de formação de professores, de forma generalista e que possibilite uma atuação do profissional em vários campos, bem como a suplantação da sociedade capitalista propondo uma formação pautada na politécnica.

Silva (2010) pesquisou a presença da Síndrome de *Burnout* entre professores de EF de escolas estaduais, especificamente no ensino médio, em Pelotas/RS. A autora encontrou que três professores sofriam da síndrome de forma grave. Além disso, um número significativo de professores com mais de 40 anos de idade e que trabalhavam entre 40 e 60 horas semanais. Tal achado, demonstra a intensa carga horária de trabalho que se submeteram para conseguir sobreviver de maneira digna ou no mínimo razoável. O estudo destacou que quase todos os professores faziam atividades extraclasse e/ou trabalhavam com outras atividades além da docência, evidenciando mais uma sobrecarga de trabalho além da escola. Ou seja, além do trabalho demasiado que o professor tinha na escola, ele necessitava buscar outros empregos ou “bicos” para manter um padrão de vida desejado ou próximo.

Veiga (2013) avaliou a qualidade de vida no trabalho dos professores e demonstrou a insatisfação destes com a remuneração em todas as fases da carreira, bem como com as condições de trabalho, falta de perspectiva de crescimento profissional e dificuldade de equilibrar a vida pessoal, devido à elevada carga horária trabalhada. Concluiu que os professores não se encontravam satisfeitos com a sua situação atual e nem conseguiam manter uma boa qualidade de vida no âmbito de seu trabalho.

Brevemente explicitando, as fases da carreira foram propostas por Huberman (2000), são cinco fases diferentes por anos de experiência na carreira docente. A Fase 1 é denominada a entrada na carreira de 1 a 3 anos de profissão, Fase 2 é a fase de estabilização de 4 a 6 anos na carreira, Fase 3 diversificação e experimentação de 7 a 25 anos de carreira, Fase 4 serenidade e distanciamento afetivo de 25 a 35 anos e Fase 5 preparação para a aposentadoria. Elas não são uma regra, podendo acontecer ou não, e outro dado interessante é que normalmente se tem a ideia de que os professores nas últimas fases da carreira (4 e 5), são os que normalmente adoecem e se distanciam do trabalho. Será mesmo? Será que os jovens professores ao se depararem com a realidade das escolas não têm sido afetados?

O estudo realizado por Sinott (2013), também da ESEF/UFPel, realizou um estudo na rede municipal de ensino em Pelotas/RS, mostrando que a profissão docente é suscetível ao desenvolvimento da Síndrome de *Burnout* e outras enfermidades, por lidar excessivamente com o público, aliado a natureza do trabalho, contexto social e fatores sócio-históricos. A autora ressaltou também que os fatores internos (relacionados à personalidade do profissional) e externos (relativos à atividade e o ambiente) geram a Síndrome e que, todos os participantes do estudo apresentaram níveis médios em alguma dimensão, com exceção de oito, apresentaram todos os indicadores da Síndrome.

Todos os estudos realizados (SINOTT, 2013; BOTH, 2011; VEIGA, 2013) demonstram a importância de se realizar estudos sobre a saúde dos docentes, para entender como as relações de trabalho estão relacionadas as de saúde nesse grupo. Novos estudos ajudarão a compreender como todos esses processos influenciam a carreira, saúde e as relações sociais dos indivíduos, bem como demonstrarão a importância de se investir em melhores condições de trabalho e dar/receber maior suporte subjetivo e objetivo aos docentes.

## 5. Metodologia

Esse estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo. A pesquisa exploratória se caracteriza por ser uma visão geral sobre determinado fato ou realidade (GIL, 1999). Buscando delimitações e esclarecimentos, possibilitando posteriormente um estudo mais aprofundado.

Utilizaremos como base o materialismo histórico dialético, compreendido como um conjunto de processos onde tudo se relaciona e se transforma para entender o contexto estudado. Como apresenta Engels (1974) a grande ideia na qual o mundo não pode ser visto como um complexo de coisas acabadas, mas como um complexo de processos, de ideias que passam por mudanças ininterruptas até um desenvolvimento progressivo. Para a dialética, as coisas não são analisadas como objetos fixos, estão em movimento, nada está concluído, sempre em transformação, onde o final de um processo é o começo do outro (MARCONI; LAKATOS, 2003).

A dialética permitirá analisar, relacionar e compreender o objetivo do estudo. No RS medidas adotadas pelo governo local afetaram as ações do professor e, de certa forma, geraram um estresse elevado sobre o mesmo. Assim, pensando em como todas essas questões influenciam na vida e na saúde dos docentes, procuramos entender se professores em desvio de função ou em afastamento tornaram-se doentes, por conta do trabalho e das questões atreladas ao mesmo. Ou seja, na visão dos professores de EF, se o seu adoecimento e/ou afastamento foi causado por estresse, ou outros problemas de saúde. Serão contatados os professores de EF afastados da sala de aula ou em desvio de função (por motivo de doença), pertencentes à rede estadual de ensino da 5ª Coordenadoria Regional de Educação (5ª CRE), da cidade de Pelotas.

Para chegar aos entrevistados, foi solicitado a 5ª CRE o número de professores em licença saúde ou que trabalham em outras funções nas escolas. Após, foi feito contato com os professores a fim de identificar quais deles estarão dispostos a participar do estudo. Foram selecionados aqueles que informaram que sua saúde foi afetada pelo trabalho na escola, e que, por isso, não podem mais trabalhar em sala

de aula. A partir de então, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com esses professores.

Para compreender de que maneira a precarização do trabalho afetou a saúde dos docentes, optou-se pela entrevista como instrumento de coleta de dados uma vez que ela permite a obtenção de informações diretamente dos atores sociais (MINAYO ET AL. 1994). A entrevista semiestruturada apresenta uma liberdade a conversa e favorece uma espontaneidade benéfica ao entrevistador e entrevistado (TRIVIÑOS, 1987).

A entrevista foi elaborada levando em consideração o objetivo do estudo, o problema de pesquisa, as referências utilizadas e a própria experiência profissional do pesquisador. As entrevistas foram realizadas com o uso do gravador, se permitido, e foram transcritas sem alteração de conteúdo. Após a degravação realizada pelo pesquisador, visando minimizar perdas ou falhas e respeitando a confidencialidade dos participantes, retornaram aos entrevistados, quando puderam fazer correções que julgaram necessárias. As transcrições foram arquivadas digitalmente para análise e transcritas apenas pelo pesquisador, visando minimizar perdas ou falhas e respeitando assim a confidencialidade dos participantes.

Foi realizada uma análise de conteúdo, procurando “conhecer o que está por trás das palavras” (BARDIN, 1977, P. 44). Três fases de ação foram consideradas durante a análise: (1) a pré-análise, (2) exploração do material e tratamento, e (3) análise e interpretação dos resultados.

Na pré-análise objetiva-se operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais a fim de estruturar os processos subsequentes, sendo muito importante as “leituras flutuantes” (BARDIN, 1977, p. 96), a fim de inteirar-se dos textos, escolher os documentos para análise, formulação de hipóteses e objetivos. Nesta fase, ocorre a “elaboração de pressupostos que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 1977, p.95).

Na exploração, segunda fase, é necessário submergir no material selecionado anteriormente e operacionalizar os procedimentos definidos na etapa anterior. Por fim, na interpretação dos resultados, acontece a validação ou não dos achados fazendo um enfrentamento dos dados empíricos com o aporte teórico, a fim de gerar conclusões e interpretações.

## **6. Levantamentos preliminares: escolas e saúde dos professores**

A 5° CRE é composta por 18 municípios, da região sul do Estado. Neste estudo, como apontado anteriormente, somente serão acessados os professores do município de Pelotas, visto a abrangência da CRE local.

Em Pelotas, a Rede Estadual de Educação é composta por 53 escolas. Destas, 22 escolas são do Ensino Médio ou apenas de Ensino Médio; 10 escolas são de Ensino Fundamental Incompleto (1° ao 5° ano) e 21 escolas de Ensino Fundamental Completo (1° ao 9° ano). Essas escolas estão distribuídas entre a zona rural e urbana do município, e contam com um total de 92 professores de EF, destes 62 atuando nas escolas com Ensino Médio e 26 atuando nas escolas com Ensino Fundamental. Algumas de Ensino Médio possuem Ensino Fundamental, portanto alguns professores atuam com públicos dessas duas modalidades.

A a 5° CRE não disponibilizou os dados das escolas, devido a sobrecarga de trabalho da CRE, porém autorizou que fosse feito contato com cada escola. Sendo assim, um levantamento foi realizado por telefone com diretores, coordenadores, secretários ou responsáveis pelo setor de recursos humanos da escola.

Nesse levantamento encontramos sete professores em licença saúde, sendo que um deles está de licença por problemas de saúde de familiar, e dois professores delimitados. A exceção do professor em licença por familiar, os demais sujeitos serão procurados e convidados a participar do estudo, após identificarmos se esses problemas realmente são decorrentes de sua atuação profissional.

## **7. Conhecendo os entrevistados**

O grupo de participantes da pesquisa foi composto por seis professores de Educação Física, sendo quatro mulheres e dois homens, com idades entre os 37 e 57 anos, com tempo de trabalho entre os 17 e 28 anos de magistério. Aqui encontramos os professores entre dois grupos de classificação, conforme Huberman (2000) diversificação ou questionamentos (sete a 25 anos): estágio de experimentação,

motivação, busca de novos desafios e/ ou momento de questionamentos e reflexão sobre a carreira; serenidade e distanciamento afetivo e/ou conservadorismo e lamentações (25 a 35 anos): pode levar ao conformismo ou ao ativismo.

Apenas um dos professores trabalhou em uma escola de pequeno porte, os demais trabalharam em escolas grandes. Todas as escolas são da rede estadual de Pelotas/RS, alguns professores relataram trabalhar em outras locais, como no município ou em escolas particulares. Abaixo trago uma pequena apresentação dos entrevistados.

Professor 1: tem 37 anos, exerce a carreira docente a 17 anos, trabalhava 40 horas semanais no estado e município.

Professor 2: 53 anos, exerce a carreira docente a 26 anos, trabalhava 40 horas semanais no estado e município.

Professor 3: 57 anos, exerce a carreira docente a 33 anos, trabalhava 40 horas semanais na rede estadual.

Professor 4: 48 anos, exerce a carreira docente a 22 anos, trabalhava 40 horas semanais na rede estadual.

Professor 5: 46 anos, exerce a carreira docente a 20 anos, trabalhava 20 horas semanais na rede estadual.

Professor 6: 48 anos, exerce a carreira docente a 28 anos, trabalhava 40 horas semanais na rede estadual.

## **8. Análise das entrevistas**

Após a transcrição das entrevistas, a análise das mesmas foi realizada por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 1977) onde foram divididos os dados em categorias. Cada categoria é referente aos dados mais relevantes e citados entre todos os participantes da entrevista.

Sendo assim, as categorias elencadas foram trabalho, educação, saúde e precarização do trabalho docente, algumas outras questões apareceram mas eram diretamente relacionadas a uma das quatro categorias destacadas.

### **8.1 Trabalho, escolha da carreira e sua repercussão**

Quando nos remetemos ao trabalho vamos ao encontro a Marx, principalmente no sentido em que o autor falava do mesmo como uma maneira de o indivíduo se inserir na sociedade e conseguir o seu sustento (MARX, 1989). Quando escolhemos o nosso trabalho, ou somos direcionados a ele, alguns fatores são responsáveis por determinada seleção ou ingresso em tal profissão. Com a carreira docente esse processo também acontece, como apresentam os estudos de Mello (1981), Silva, Espósito e Gatti (1994), OCDE (2006) e Valle (2006), a escolha pela carreira docente é baseada em valores pessoais, baseadas nas experiências cotidianas, na autoimagem, atreladas ao dom, vocação, desejo de ensinar, amor.

Como esses autores apresentam, os fatores atrativos a carreira docente são de forte apelo emocional, vinculados a boas experiências passadas, influência marcante de algum professor. No grupo dos entrevistados dessa pesquisa, ao conversarmos sobre a questão do trabalho, remetemo-nos ao momento de escolha da carreira docente, quais motivos influenciaram nessa escolha, o que os amigos e familiares pensaram na época sobre essa decisão e as respostas vão ao encontro dos autores citados.

Primeiramente devemos ressaltar que, os entrevistados salientaram em suas falas que antigamente, o que nos remete a cerca de 30 anos atrás pelo período em que ingressaram na universidade, a carreira docente era valorizada e que eles receberam o apoio de familiares e amigos. Podemos observar nos entrevistados que, a escolha pela profissão teve forte influência das suas vivências com as aulas de Educação Física e com as experiências com práticas de esporte.

Como apresentado por Tartuce, Nunes e Almeida (2010) em um estudo sobre a intensão de alunos concluintes do ensino médio em serem professores, os alunos apontaram três principais pontos atrativos da carreira docente. Primeiro, a possibilidade de ensinar e transmitir conhecimento, o prazer no fazer docente em oferecer algo ao próximo, a possibilidade de poder trabalhar com a aprendizagem do outro. Segundo ponto, um interesse por uma área específica e terceiro, a identificação profissional, salientando que as duas últimas pareceram bastante associadas as experiências positivas com os professores.

Os professores entrevistados da nossa pesquisa demonstraram os mesmos motivos, como podemos salientar abaixo em algumas falas:

Professor 4: “Ah, eu era muito nova, assim eu entrei pra ESEF (Escola Superior de Educação Física) com 16 anos [...] eu adorava fazer Educação Física na escola, então foi meio por aí que eu peguei o caminho da Educação Física. E aí todo mundo, assim, achou ótimo, adorou, achavam que tinha bem a ver comigo”.

Professor 6: “[...] tive que fazer um estágio num banco naquele ano, e aquilo ali que me fez, na verdade foi importante pra mim decidir, porque eu vi que era o tipo de vida que eu não queria, ficar fechado num lugar oito horas por dia trabalhando, embora o salário fosse bom (risos). Então optei por outra coisa que eu gostava que eu lembro, que era praticar esporte e o que os familiares, acharam interessante, minha mãe é professora também de geografia, presava muito que os filhos fizessem o que quisessem profissionalmente, o importante era que estudassem e tal. Os amigos também, os amigos muitos eram ligados ou era o esporte ou era a igreja, geralmente eram os mesmos, então também, também acharam legal”.

Professor 1: “Eu acho que decidi ser professora de Educação Física por causa da minha vida escolar mesmo, eu treinava, era atleta da escola e não tive uma direção muito clara no ensino médio de repente ter outras oportunidades, eu só segui o que eu já vivia né? Como eu gostava sempre de jogar e gostava de relacionamento, que eu acho que é uma coisa bem de professor, acabei entrando para a EF. [...] na época né, que faz muitos anos, no caso da minha família, da minha mãe, me apoiou, faz é o que tu gosta, fui a primeira a entrar na faculdade, sou a quarta filha mas fui a primeira a entrar, então foi tranquilo”.

Professor 3: “Interessante essa pergunta porque foi muito interessante, assim ó, por gostar mesmo do esporte né? Que já vinha fazendo esse trabalho no ensino médio e os meus familiares, na época quando eu fiz o vestibular a minha média foi pra medicina, minhas irmãs ficaram assim impressionadas porque eu não tinha nada, eu dizia, não tenho nada a ver com medicina, eu não vou fazer medicina porque eu não gosto de medicina, eu quero Educação Física. E eu tirei os primeiros lugares da EF em função que a minha média era pra entrar na medicina. Eu não me arrependo”.

Professor 2: “Na época, já faz 25 anos quase, vou me aposentar ano que vem, na época era tranquilo, na época ainda se gostava de ser professor, hoje alguém te fala que vai ser professor tu já diz: tá louco, não inventa, vais fazer o maior sacrifício da tua vida. Só quem tem muito amor, muito amor mesmo, e olhe lá, quando começa depois se arrepende. Vários professores entraram na escola X, acho que uns quatro professores, não duraram três meses e saíram foram, desistiram”.

Professor 5: “Eu já era casado e eu ia fazer pra medicina, já tinha tomado laço um ano e durante o ano eu não consegui estudar, eu já trabalhava, já tinha o pequeno e aí tive que fazer uma opção, dentro da área que eu gostava a Educação Física sempre foi minha segunda opção, mas eu nunca, na época imaginava que eu fosse usar. E aí a nota que entrei pra Educação Física eu entrava pra medicina. No outro ano fiz pra medicina e rodei de novo”.

Podemos perceber nas falas dos professores que todos gostavam da Educação Física, mesmo que para o Professor 5 fosse sua segunda opção, ele demonstra apreço pela carreira que escolheu. Assim como encontrado em vários

estudos, as questões de ordem pessoal, econômica e social influenciam na escolha da carreira (BOTTI; MEZZARROBA, 2007; HUTCHINSON; BUSCHNER, 1996; VALLE, 2003 e 2006; VIEIRA, 1997; YOUNG, 1995; YOUNG, 1995).

O Professor 2 nos remete a um ponto mais atual, ressalta que na época em que ingressou na universidade, as pessoas tinham um apreço maior pela carreira docente e que hoje em dia notamos um desmerecimento da profissão, onde como a fala do professor ressalta: “tá louco, não inventa, vais fazer o maior sacrifício da tua vida”, a carreira docente é vista como um trabalho extenuante, desgastante, complexo e que requer gostar muito mesmo para poder executá-lo.

Podemos aqui nos remeter ao estudo de Diniz (2000), onde levanta uma série de questionamentos sobre a carreira docente. “O que é necessário ser para “ser professor”? Será a licenciatura um bico, uma vocação ou uma profissão?” O que podemos afirmar é que, todas essas falas dos professores nos remetem ao apreço pela escolha da profissão, gostar do que se faz, mas em contrapartida vemos na fala do Professor 2 que atualmente, as pessoas pensam cada vez mais antes de optar pela carreira docente, por uma série de fatores, principalmente pela desvalorização, desgaste da profissão e a falta de perspectivas de subir na carreira (TARTUCE, NUNES E ALMEIDA, 2010; SAMPAIO E MARIN, 2004; MARQUES ET AL. 2015).

Sobre o início de sua carreira docente, um processo que muitas vezes é de choque, conhecimento da realidade da escola, confronto com os seus conhecimentos e capacidades. Os professores apresentaram pertencer ao grupo de diversificação ou questionamento (7 aos 25 anos) e conservadorismo e lamentação (25 a 35 anos) de acordo com Huberman (2000), e de forma homogênea, todos eles começaram a carreira docente em seguida da sua graduação, alguns deles em questão de meses, a exceção do Professor 4 que passou no concurso e não foi chamado, e depois ingressou quase oito anos após formado na escola.

Professor 1: “Eu me formei no segundo semestre de 1999, minha formatura na verdade foi em fevereiro de 2000 e no dia seguinte eu tinha concurso do município, fui, fiz, após a formatura, fiz o concurso naquele ano, 2000, no início do ano, do estado e do município. Daí passei nos dois e no meio do ano, em junho num e julho no outro, já fui chamada e já comecei a trabalhar, meio ano depois de formada”.

Professor 5: “A minha formatura foi em agosto, eu entrei em março do outro ano lá em Sapucaia, passei em um concurso em novembro, dezembro [...] Aí em janeiro nos chamaram, fizemos uns exames aí nos enrolaram até março, só 15, 16 de março nos chamaram, 28, 23 de março primeiro dia de trabalho”.

Professor 2: “É no segundo ano, no primeiro ano é. É, eu me formei e já consegui entrar num concurso.”

Professor 3: “É na escola eu levei mais tempo, porque eu me formei e fui embora, e aí eu trabalhei em escola em Porto Alegre, numa escola particular e, de freiras com muito assim, muitas regras, muito sabe?”.

*Professor 6: “É, ali foi assim, é, fazia nos anos 80, parece que ficou toda a década sem ter concurso, era, inclusive a minha mãe pegou essa época de final dos anos 70 de como é que era, era indicação mesmo da coordenadoria da educação e quem não era, na época, tinha que tá meio alinhado com o governo, que se não era difícil conseguir. Mas aí, com a constituição de 85 e tal, justamente seis meses depois de eu tá formado, e aí então deu uma bola encaixada, aí fiz o concurso, só que eu fiz pra, estava morando aqui mas como eu era de Camaquã, família de lá, morávamos lá, eu fiz o concurso lá, e aí depois consegui uma transferência [...] Então eu entrei nessa época, aí fui chamado em 89, um ano depois já estava trabalhando na rede”.*

*Professor 4: “Eu passei no primeiro, fiz um concurso em seguida que eu me formei, eu acho que 87, 88, passei no concurso mas daí como a minha classificação não ficou muito boa não me chamaram naquele. Daí eu fiz em seguida eu fiz outro, mas daí pra Canguçu, porque me disseram que fazendo pra município diferente de Pelotas que eu teria mais chance, e aí nesse me chamaram, mas demorou assim já estava quase, ele foi renovado quando estava quase terminando me chamaram em 1995 foi meu ingresso”.*

Ainda sobre esse início de carreira, quando questionados sobre como foi esse começo de trabalho na escola, as respostas demonstram a realidade da escola, além é claro de outras questões. Podemos ressaltar a questão da formação da universidade, apresentada por alguns professores como uma boa base para o começo da carreira docente. Outra fala que chama a atenção é do Professor 2, que ressalta que a universidade não prepara o aluno para a realidade, que estes dispõem de muito material e suporte para as aulas e que normalmente não é encontrado isso nas escolas públicas municipais e estaduais.

*Professor 1: “Aí foi super tranquilo, eu tinha bastante experiência com criança, já toda minha formação na faculdade foi com um projeto com meninos de rua e todos os meus estágios, como era escola, era tudo né? Licenciatura plena, eu sempre, os estágios, eletivas, as matérias todas eu sempre fazia para a escola e pré-estágios sempre foi bem tranquilo, com criança né? E adolescente também, o meu estágio foi bem bom também, foi numa sétima série e quando eu entrei foi bem bom também, não tive assim problemas”.*

*Professor 3: “Bom a gente fazia o estágio, é, tinha que fazer, passar pelo fundamental, pelo ensino médio, passar pela faculdade e nós tínhamos um trabalho com executivos a noite. Entendesse? Então nós tínhamos que fazer esses três, quatro estágios. Nós dávamos aulas para as pessoas da nutrição, medicina, eu mesmo fiz esse trabalho com o Assis Brasil, de lá né, da noite nós fazíamos com executivos, empresários que iam lá. Eles iam na ESEF pra fazer, então assim a gente trabalhou com eles. [...] Aí eu trabalhei escola em Porto Alegre, numa escola particular e, de freiras com muito assim, muitas*

regras sabe? As pessoas diziam 'aí tu não vai conseguir fazer nada porque assim, porque assado' e eu fazia tudo, e eles não diziam nada sabe? Eu conseguia driblar eles e fazia tudo que eu queria. E foi a primeira e a única vez que trabalhei assim em colégio particular, eu gostei muito, hoje as pessoas reclamam muito, porque é difícil né? Mas eu conseguia trabalhar assim com eles, aí eu fui embora pra Porto Alegre e trabalhei em Porto Alegre, depois de Porto Alegre eu fui pra Florianópolis trabalhei no Rio, né, em Cabo Frio trabalhei com algumas, no morro né, crianças de morro e depois eu voltei. Aí, quando eu voltei, eu passei no estado e não assumi em Porto Alegre, e fui embora. Aí quando eu voltei resolvi fazer o concurso por estado, e entrei no estado. E to até hoje [...]”.

Professor 4: “[...] Foi meio conturbado porque o meu concurso era pra Ensino Fundamental, aí me mandaram pra escola de Ensino Médio lá em Canguçu, mas aí tá, não tinha muita, pra mim não tinha muita diferença, assim na parte de conteúdo, não modificou nada, aceitei ir pra escola. Só que aí, em seguida me transferiram pra outra escola de novo. Passou acho que uns seis meses me transferiram, aí eu tive que pegar umas turmas que não tinham tido aula assim, três meses que eles não tinham professor, já era maio, junho mais ou menos, aí tive que recuperar tudo, foi um horror, um estresse. Aí eu comecei já, assim, a mil, porque, organizando campeonato, fazendo assim, um monte de coisa que eu assim, trabalhos também pros alunos, e, eu aprendi que Educação Física podia ser teórico, porque eu tinha que recuperar aula, tinha que ter alguma coisa, assim também né? Que me ajudasse a recuperar esses, três meses de aula, então foi assim”.

Professor 5: “[...] É lá eles dividiram a gente em duas escolas, a gente ia pra duas escolas e lá eles tinham uma política de uma competição escolar muito forte, até eu escrevi sobre isso alguns anos atrás, e eles queriam que a gente preparasse os alunos pras equipes mas não davam carga horária, ou seja, tu separava na aula de Educação Física quando chegava perto da competição de atletismo, tu dava uma bola pros outros e focava no atletismo. Eu não aceitei isso, e aí a escola mais longe que participava e ganhava foi reclamar na prefeitura. Eu fui lá, expliquei que não ia fazer aquilo e eles me trocaram de escola. Me mandaram pra uma que eu trabalhava, dava as aulas três manhãs e treinava as equipes do JS, que era no centro, que era uma escola com tradição na época, na terça e na quinta de manhã eu treinava as equipes e de tarde eu dava aulas normais no JS, e lá a gente ficou em terceiro lugar geral. A partir dali eles começaram a dar carga horária para todo mundo um pouquinho para treinar.

Professor 6: “[...] É no começo eu lembro que peguei bastante turmas, de, que hoje, depois um pouco daquilo ali começou a chamada unidocência no estado. Então os professores de currículo por atividades de primeira a quarta série não tem mais, tem que dar todas as matérias, então não tem professor de Educação Física, professora de Artes. Mas naquela época podia, então peguei a maioria das turmas de primeira a terceira série, e eu sentia que não tinha muito esse, não tinha esse preparo, o foco no curso, na época eram três anos, até a ESEF era mais criança ali, já a partir dos 10 anos né? Entrando ali pra quarta, quinta série, o foco maior de jogos, de ginástica, dos esportes, enfim era mais ali, mas como a gente também tinha feito uma formação paralela na psicomotricidade que era meio, vamos dizer assim, uma moda entre aspas na época ali né? Professor A, B, então a gente acabou tendo algumas vivências, algum estudo nessa área assim e aí encaramo, foi um pouco hã ... mas eu vejo que, qualquer professor da pedagogia, de outras coisas, diz que os primeiros contatos com a escola, com sala de aula, assustam um pouco, mas depois vai engrenando, foi assim comigo”.

Professor 2: “Na escola? Bom, quando a gente, é como tudo na vida, a gente sonha né? Eu idealizei uma coisa, entrar na escola e fazer um trabalho né? Bem feito, voltado para as crianças, diferente dos outros professores que jogavam uma bola, essa história que todo mundo sempre fala da Educação

Física né? No começo eu até consegui, no começo eu consegui, mais aí tu vai cansando, porque tu não consegue fazer o que tu quer, porque a Faculdade não te prepara pra ser professor né? Dentro da faculdade tu tem todos os aparatos, tu tem material, 20 bolas, tem bola pra cada um, tem piscina, tem musculação, tem tudo, tem todos os aparatos. Aí tu chega numa escola as vezes tu mal tem uma bola, mal tem espaço pra trabalhar e aí tu vai te desiludindo e acaba que tu entra no jogo dos outro também. É muita fibra, muita vontade e tu não consegue desenvolver um bom trabalho”.

Com exceção do Professor 1 e do Professor 3 que disseram ter um começo de carreira tranquilo, sem problemas com alunos ou escola, os demais professores reportaram algumas dificuldades que vão ao encontro do que foi apresentado em vários estudos (LIMA, 2007; MARQUÊS 2011; WITTIZORECKI; MOLINA NETO; BOSSLE, 2012; WITTIZORECKI; MOLINA NETO, 2005). Os professores disseram ter problemas para trabalhar por conta da realidade da escola, que na Universidade não são preparados o suficiente pra isso, enfrentamentos com a direção da escola e maneira de organização do trabalho da Educação Física, constantes trocas de escolas e níveis de atuação, dificuldades com a faixa etária dos alunos com relação ao preparo na graduação.

Esses fatores apontados pelos professores dificultam as condições de trabalho, e são também algumas das principais formas de precarização docente, muitas vezes, praticamente, impossibilitando a realização de um bom trabalho com os alunos. Libâneo (2006, p. 91) traz como constatação:

“Os problemas vão se reproduzindo em cadeia em cada nível de formação. As universidades formam mal os futuros professores, os professores formam mal os alunos. Poucas universidades brasileiras têm uma política definida em relação à formação de professores para o ensino fundamental e médio. Há um desinteresse geral dos Institutos e Faculdades pelas licenciaturas. Com isso, os professores saem despreparados para o exercício da profissão, com um nível de cultura geral e informação extremamente baixa, o que resulta num segmento de profissionais sem as competências pessoais e profissionais para enfrentar as mudanças gerais que estão ocorrendo na sociedade contemporânea”.

O processo todo é uma bola de neve, que vem crescendo, desde uma formação de qualidade duvidosa ou que não prepara o professor o máximo possível, passa por uma escola precarizada e com péssimas condições de trabalho e chega a grande quantidade de obrigações que são impostas aos docentes. Tudo isso, culminando para um trabalho realizado com pouco suporte e que acaba sendo um desafio ao

professor, executar um trabalho de qualidade sofrendo enormes pressões da sociedade.

Nesse processo da docência, os professores vivenciam diversas experiências, algumas gratificantes outras complicadas. Os sujeitos da pesquisa contaram um pouco sobre suas experiências, ressaltando os momentos bons e difíceis da carreira até o momento.

Professor 1: “[...] Quando fala assim, quando falam assim, ‘ah professora é tão bom ter tuas aulas, porque tu dá aula né, tu ensina, porque aí as vezes né? Tem professor que faz isso, que não dá, deixa a gente fazer o que quer’. [...] Então as tuas aulas, teus puxões de orelha, tem várias, várias coisas, assim né? Mais é gratificante mesmo assim tu ver que o aluno, aprende, depois segue, tem vários, vários outros exemplos assim né? Mais eu, e também assim a função as vezes tu vê assim um aluno, caminhando, uma aluna que nunca fez nada né? Nunca queria fazer nada, depois que tu insiste, insiste, faz, ensina, tá, daí tu vê caminhando, daí tu encontra ‘a não professora, bah é mesmo a tanto tu falou, eu tô fazendo exercício’, ou ‘ah eu fiz a minha mãe e meu pai caminhar porque eles tavam começando a ter tais e tais problemas’, então não apenas por lazer, assim pro gosto, mas pra saúde mesmo né? Planejei uma aula com um aluno que é especial até, e não participava das aulas, é bem difícil de relacionamento o problema dele e ele é louco por skate, gosta de skate. Então eu conversei com ele, a partir daí ele mudou, ‘quem sabe vamo, tu dá uma aula de skate, eu não sei muito mais né? Eu não sei nada, tu sabe’. Daí planejei com ele, o outro menino ia pegar uma parte teórica pra vim trazer e tal, e chegou na hora, daí os meninos todos que gente conseguiu uns oito, dez skates praquela aula, chagou uma meia hora antes da aula, a direção impediu, disse que não fazia parte do conteúdo e foi bem complicado. É aí começou, disse não, que eu tinha que dar handebol basquete, futsal e vôlei, e que era o que tinha aqui, aí começou essa função da feira que eu queria fazer, não deixou, depois a função do Jepel que veio email e não foi passado, então agora que to sentindo, mas não por pais e alunos, mas vamo levando.

Professor 2: “As experiências gratificantes é que a Educação Física, o professor de Educação Física, tem mais contato corpo a corpo com o aluno. [...] Então isso é muito gratificante, porque eu encontro alunos aqui da minha escola, porque eu dei aula aqui também, no estado aqui, seguido eu encontro um aluno, ele diz ‘bah professora, graças a senhora, fez a diferença na minha vida, nisso, nisso, nisso’ sabe? Então isso é uma coisa muito gratificante que, coisas que tu não espera, tu encontrar um aluno e seguido acontece, ‘bah professora aprendi muita coisa com a senhora, com as nossas conversas’ né? Isso é muito gratificante, o contato direto com os alunos, de tu poder saber que tu fez alguma diferença na vida deles, de alguma forma, isso é muito gratificante. [...] As dificuldades é tu tá sempre mendigando material, ter que tá sempre brigando com a direção, tá sempre brigando pra conseguir as coisas, é tu não ter uma estrutura, as bolas caíam pra fora do pátio, roubavam, sumiam, não conseguia mais pegar de volta, passava pro lado do edifício e os caras furam a bola porque tava incomodando. A dificuldade de material mesmo, dificuldade com os alunos, porque os alunos não respeitam mais ninguém, eles não vem com educação de dentro de casa, fazem o que querem com os pais, fazem o que querem com os professores, e a gente chama os pais, sempre dão razão pros filhos né?”.

Professor 3: “É momentos difíceis tu tem dentro, tem dentro da sala de aula né? Coisas que tu tem que resolver, e muitas vezes tu te sente até impotente diante da situação, porque tu não tem, as vezes tu, tem certas coisas que tu não tem como resolver. Eles colocaram tanta coisa em cima do professor,

que o professor, ele é professor, a função é transmitir conhecimento, ele não é um pai entendesse? Que tem que impor, que tem que educar e tal né? Nós e transmissão de conhecimento e eles acham que a gente tem que fazer tudo né? E as experiências gratificantes, pra mim, a foram tantas, tantas assim é, em pensar que um aluno disse que fez Educação Física por causa minha é tão gratificante né? É muito gratificante e teve muitas coisas, muitas vitórias, eu trabalhei muito com futsal, e muitas, é tu saber que o aluno dizer assim eu posso sabe? E tu transmitir né aquela confiança pra ele, e ele saber que ele pode, e isso a gente tá precisando muito”.

Professor 4: “Ah bem mais gratificantes do que complicados eu acho assim. Ah gratificante é, assim, ser convidada para ser paraninfa de formatura de turmas, assim que geralmente acontecia, o entrosamento com os alunos. Eu fazia muito, muito campeonato, muito torneio de final de semana pra eles, e eles assim, sempre corresponderam a altura, eles me ajudavam a organizar os próprios, apoio que eu não tinha dos colegas, eu tinha dos alunos pra me ajudar em por exemplo, num sábado e num domingo, juntar o pessoal tudo dá escola num ginásio e fazia campeonato. Difícil é material, é tu não ter, as vezes tu ter que procurar, procurar material assim, ter que inventar coisas diferentes, porque tu não tem uma bola, tu tem que trabalhar basquete e não tem uma bola de basquete, ai tu tem que ensinar com uma bola de vôlei, tu tem que mais ou menos adaptar o que tu tem que ensinar, no teu conteúdo tá o teu fundamento, naquela aula é basquete”.

Professor 5: “Complicado. Em Sapucaia eu fiz campanha pra um partido de esquerda, dos vermelhinhos, eu era petista doente e os caras depois da campanha me suspenderam por 15 dias sem salário. Eu tive que entrar judicial, com menos de 10 meses de trabalho já tive que entrar judicial, ganhei deles, foi complicado, mais ai os caras ficaram no meu pé por dois, três anos. No estado quando tu mexe em vespeiro tu vai sair machucado, não tem jeito, tu querer que as coisas sejam feitas da forma correta, que os professores de Educação Física trabalhem com Educação Física. Porque eu fui coordenador de uma escola uma época da Educação Física, não foi uma coisa muito boa não, não funcionou, um pouco de ingenuidade minha também na época e má vontade e malandragem dos mais velhos e experientes, não tinha o que fazer. Nessa mesma escola o pessoal tinha um nível muito alto de gravidez na adolescência e eu só tive, durante o período que eu trabalhei lá, com os grupos que eu trabalhei, principalmente com as que estavam ligadas ao esporte, ao basquete, uma menina ficou grávida. Então eu fazia orientação direto pra eles lá, coisa e tal, tenho o maior orgulho dos alunos que eu tive lá, muitos deles saíram de situações desfavoráveis e moravam no Dunas, tavam envolvidos, tavam no meio da porcaria já. E muitos, muitos deles saíram pra faculdade, pra estudar que era o meu foco, meu foco sempre foi que eles, que o aluno chegasse na faculdade, eu não tenho essa perspectiva de que aluno de escola pública, pobre tem que chegar e se formar, na metade do médio arranjar um emprego. Isso foi uma das experiências negativas que eu tive, porque numa apresentação de ano uma professora elogiou, no ano seguinte que abriu o BIG, uma professora na abertura de ano pro Ensino Médio elogiou que os alunos tinham conseguido emprego no BIG: ‘fico muito feliz que os nossos alunos conseguiram emprego no BIG’. Eu disse, tive: ‘eu fico feliz que os nossos alunos estão trabalhando no BIG por necessitarem estar trabalhando no BIG, mas que isso não seja impeditivo de continuarem estudando e irem pra faculdade. Depois quis me chamar a atenção eu ter falado isso, porque a faculdade tá fora da perspectiva deles. [...] então eu tenho meninas bem colocadas, tenho meninas que ainda tão fazendo faculdade daquela época com 14 anos a 10 anos atrás que tão bem, tem um sargentão no exército de carreira, acho que contribui, que as experiências boas são a convivência com os alunos, quando tu consegue ter um inferência, ser uma referência pra eles, que eles consigam levar isso pra vida deles”.

Professor 6: “[...] E aí em 98, foram experiências legais também essas, mas em 98 tinha uma, vinha por um outro momento assim um pouco meio confuso

na carreira, já quase 10 anos, afastado da Universidade, já tinha terminado especialização em 91. E aí foi na verdade uma pessoa que me fazia um acompanhamento, um tipo de aconselhamento, que me disse: 'olha, porque tu não estabelece metas no teu trabalho', tinha passado na ESEF como professor substituto em 1995/96 e ali eu tava um pouco assim, tava caindo um pouco naquilo que hoje a turma fala um pouco do largobol né? Eu sempre ficava com os alunos, jogava junto tal, mas não tinha um propósito assim, de olha queremos chegar nisso aqui no final do trimestre, não tinha uma coisa mais direcionada e aí essa pessoa me colocou isso e eu digo, e as próprias situações da escola começaram a levar a isso também, eu me lembro, fui a um conselho de classe e uma aluna da oitava série falou a professor demora muito tempo na sala de aula combinando o que vamos fazer e tal, e eu me senti meio, foi forte aquilo ali né? Então eu repensei realmente a forma de trabalho e ali, a partir dali nasceu uma experiência que eu guardo até hoje, é um pouco a minha referência de trabalho desde então né? Que é priorizar um conteúdo por trimestre e perseguir aquilo ali, e colocar algumas metas. [...] Bom teve ali em 94, ali nós confrontamos, porque eu justamente te falava dessa parte política ali, aí nós, já tinha eleição direta pra diretor, acho que era a segunda vez talvez que ia ter lá no S.L., eu não tava sozinho, mais um outro colega da biologia, outra da geografia, outra de letras, a gente tinha, acabou criando um grupo político mesmo dentro da escola né? [...] Mas naquela época era mais marcado assim, digamos, política e ideologicamente, e a gente tinha um grupo que vinha numa linha diferente da que era hegemônica na escola e na quinta cai e acabei sendo trocado de escola, e eu lembro que os alunos uma das turmas, foi uma galera lá com os outros colegas, foram na 5° CRE reclamar dessa troca, aí eu sei que me devolveram 20 horas, praquele colégio lá que eu era e foi, mas foi, eu cheguei a ficar em casa uns dias, fui como que tipo suspenso do estado, o próprio delegado de educação na época me chamou pro gabinete, foi uma coisa meio pesada assim. Eu não vou dizer assim que sou inocente, acho que são os riscos que a gente se coloca também pelo que acredita e as vezes também erra, não procede da melhor maneira, as vezes é mais forte, mais duro em algumas, e acaba criando situações, mais foi uma experiência meio dolorida digamos assim”.

Podemos perceber nas falas dos professores que eles tiveram mais momentos positivos na carreira do que negativos, ou pelo menos, que esses momentos foram mais marcantes e sobrepuseram-se aos demais. Salientou-se aqui a relação positiva com os alunos, pais e colegas de trabalho, demonstrando como a comunidade escolar compõem parte importante do montante entre a relação trabalho e satisfação. Bem como o fato de ser uma referência para os alunos, de ser um exemplo e conseguir ajuda-los aparece nas falas de praticamente todos os professores, apontando o quão gratificante é formar alunos para a vida.

Ainda assim, as situações apresentadas como sendo difíceis, negativas, complicadas, nos remetem aos problemas que a escola enfrenta na sociedade atualmente, desde os problemas com os alunos e pais, colegas de trabalho, divergências políticas, o aumento do papel do professor. Esses fatores têm sido apresentados por diversos autores (MARQUES et al, 2015; SAMPAIO: MARIN, 2004;

POZATTI et al. 2015) como complicadores do trabalho docente, dificultando uma educação de qualidade e um trabalho bem executado pelos educadores.

Como podemos observar a boa execução de uma educação para cidadãos críticos e inseridos na sociedade, visando melhorar o seu futuro e bem como, a sociedade em que estão inseridos é cada vez mais difícil. Os professores sofrem constantemente com alterações em seus horários, defasagem de materiais, estrutura física, falta de condições mínimas de trabalho (monitores, pincéis para o quadro, folhas, material para Educação Física, entre outros), culminando assim em um processo de ensino trabalhoso, no sentido de dificuldades e barreiras, e que acaba não sendo da melhor qualidade possível, e sim da melhor maneira adaptada.

Esses problemas estruturais associados à amplificação do papel docente, passando da sala de aula, do ensinar o conteúdo e culminando em resolução de problemas, resolução de conflitos, tendo um papel quase de familiar aos alunos, aconselhando, orientando, acaba tornando o trabalho algo cada vez mais complexo e desgastante, afetando os professores fisicamente e psicologicamente. O trabalho docente atualmente possui uma dimensão muito mais ampla do que deveria ter, e a noção de trabalho entendida por Marx (1989) não faz mais sentido, o trabalho tomou novas proporções e faz com que os professores sofram com suas modificações.

## **8.2 Educação e o papel do professor na escola**

Essa categoria não fazia parte no projeto inicial do estudo, mas se fez necessária devido as várias citações dos professores. A questão da educação de forma geral, foi tratada durante as entrevistas como a maneira de entender como os docentes percebem a educação na escola. Como foi referido por todos os entrevistados, a educação na escola tem um papel diferente do esperado, espera-se que os professores ensinem conteúdos para os alunos, mas como os mesmos ressaltam, aparentemente o que se tem esperado dos professores é uma educação no sentido de ensinar bons costumes, comportamento adequado e valores aos alunos, papéis tidos como necessários de formação pessoal por parte da família.

Podemos encontrar essa ideia em falas como do professor 1: “A educação é o futuro das crianças mais ultimamente [...] A família em si, eu acho que eles tão colocando muito pra escola a educação. Então a gente antes do nosso conteúdo tem

que dar a educação que a criança tem de aprender em casa né?”. Outro professor ressaltou outros pontos professor 2: “[...] se tu chama um pai pra conversar sobre alguma coisa do aluno, eles te botam a boca que o filho deles é maravilhoso, os filhos deles são isso, a gente anda com as mãos atadas, eu duas vezes fui ameaçada por alunos [...]”. Esse professor apresenta um outro lado da educação, como sua ausência, uma falta de limites ou de ensinamentos, ocasionando assim em problemas para os professores e escolas, tendo de saber lidar com conflitos que não fazem parte da sua função primordial.

O professor 3 corrobora com o anterior quando fala:

“tá muito difícil trabalhar, muito, muito, muito, muito trabalhoso, assim as crianças tão muito difíceis, temos que procurar muitos atrativos pra conseguir fazer, eu achei que na Educação Física não ia ter esse problema, acho que está começando [...] algumas coisas se perderam, não pelo professor mas pelo próprio sistema né?”.

Na mesma linha de pensamento o professor 5 disse:

“é um momento complicado de dar um parecer desses em função de tudo que a gente tá vivendo no estado hoje em dia [...] é muito difícil trabalhar hoje em dia, eu não vejo perspectiva de desenvolver qualquer tipo de trabalho com qualidade que qualquer um possa pensar, eu não consigo fazer como eu quero”.

O professor 6 faz um apanhado sobre a questão da educação e da escola atual, ressaltando:

“[...] é um elemento da cultura já importante, cultural no sentido que a nossa cultura ocidental e mundial criou a escola como o espaço de educação voltado para formação da criança, jovem, adolescente. Acredito que seja algo mais amplo, vejo muito a fala dos meus colegas o que a família não faz a gente tem que fazer, mais a escola é algo que se institucionalizou. [...] é algo que depois é até obrigatório, a educação é algo que criou uma força, é interessante o convívio social, acesso a alguns tipos de conhecimento, científico especificamente, pensar o ser humano como um todo, acho que a escola realmente cumpre parte dessa formação de uma pessoa. [...] Não é a escola, são as escolas, assim por exemplo a escola privada, uma escola pública lá de periferia, tu compara né? Então ela cumpre um papel de conhecimento, é uma cultura vivida pela humanidade né? Eu vejo ali como um espaço de partilha, de acesso dos estudantes a cultura corporal, digamos assim da humanidade, evidente que mesmo a gente como professor consegue aprender uma parcelinha disso aí né? Então ela tem um papel bem interessante”.

Podemos notar nas falas dos professores que a escola é importante na formação dos alunos de maneira geral, mas vem sofrendo com alguns processos de enfraquecimento e que dificultam a boa execução da sua função, ensinar. Como foi relatado, aparentemente, a família deveria ser o principal responsável pela educação

dos alunos, boas maneiras, costumes, entre outros, e a escola aperfeiçoar e ensinar os conteúdos necessários para a vida dos alunos.

O que não tem sido encontrado, como salienta Gadotti (2000) os educadores encontram-se perplexos com as rápidas e constantes mudanças na sociedade, na tecnologia, na economia, deixando o futuro da profissão incerto. Soma-se a isso as novas tecnologias, como o autor fala em seu texto, a educação trabalha por linguagem escrita, e nossa sociedade encontra-se vivendo a linguagem da internet, essa cultura do papel representa o maior obstáculo para a internet. A escola ainda não conseguiu se adaptar a essa maneira de viver da sociedade, nem se avaliou até que ponto isso é positivo, sendo assim, a escola ainda opera com recursos tradicionais que já não tem apelo para crianças e jovens. Fato esse evidenciado na fala do professor 2: “[...] os alunos têm fora da escola computador, todos aqueles aparatos pra incentivar eles, ai tu entra dentro de uma sala de aula, entre quatro paredes com um quadro e um giz [...]”.

Como o professor 2 apresenta em sua fala, a escola não conseguiu seguir esse universo das tecnologias, a escola pública, salientando aqui a fala do professor 6: “não é a escola, são as escolas” deixando claro as diferenças entre o público e o privado. Gadotti (2000) traz em sua fala que os jovens já estão nascendo em uma nova era, a da cultura digital, e que os sistemas educacionais ainda não conseguiram avaliar suficientemente o quanto a comunicação áudio visual e a informática contribuem na formação.

O autor ainda traz no texto a ideia de que estamos vivendo na era do conhecimento, pela importância que é dada em todos os setores, que isso é consequência da informatização e do processo de globalização das telecomunicações a ela associados. Entretanto, ressalta que encontramos uma predominância na difusão de dados e informações, não de conhecimentos, e isso vemos diariamente, ao abrirmos as mídias sociais encontramos uma gama de notícias compartilhadas que muitas vezes são falsas, contém erros de informação ou simplesmente são apenas vírus. Esse excesso de dados e informações não significam qualidade de conhecimentos, muitas vezes nem são relacionados a conhecimentos, essa quantidade infinita de informações pode até ser vista como uma dificuldade da transmissão de conhecimentos realmente significativos.

Atualmente o acesso a informação deixou de ser um direito e passou a ser um dever, pois sem ele não se consegue ter acesso aos demais direitos (GADOTTI, 2000). Sendo assim:

“Neste contexto de impregnação do conhecimento, *cabe à escola*: amar o conhecimento como espaço de realização humana, de alegria e de contentamento cultural; selecionar e rever criticamente a informação; formular hipóteses; ser criativa e inventiva (inovar); ser provocadora de mensagens e não pura receptora; produzir, construir e reconstruir conhecimento elaborado. E mais: numa perspectiva emancipadora da educação, a escola tem que fazer tudo isso em favor dos excluídos, não discriminando o pobre. Ela não pode distribuir poder, mas pode construir e reconstruir conhecimentos, saber, que é poder. Numa perspectiva emancipadora da educação, a tecnologia contribui muito pouco para a emancipação dos excluídos se não for associada ao exercício da cidadania (p.8)”.

Cabe a escola e aos professores disseminar os conhecimentos, sabendo filtrar as informações e reinventar o ensino, fazendo assim com que a “*geração da cultura digital*” volte a entender o papel da escola na sua formação como cidadão crítico e ativo na sociedade. O papel do professor fica aqui mais complicado, além de ter de ensinar os conteúdos precisa conseguir fazer com que os alunos aprendam em um ambiente ultrapassado e que, na maioria das vezes, não dispõe dos recursos tecnológicos mais sofisticados e dos métodos mais modernos de ensino para ater a atenção dos alunos.

Ser professor é difícil como ressalta o professor 3: “tá muito difícil trabalhar, muito, muito, muito, muito trabalhoso, assim as crianças tão muito difíceis, temos que procurar muitos atrativos pra conseguir fazer, eu achei que na Educação Física não ia ter esse problema, acho que está começando [...]”. Outro autor que ressalta está dificuldade é Oliveira Martins (1992, p.41) ao dizer:

“A escola é um lócus fundamental de educação para a cidadania, de uma importância cívica fundamental, não como uma antecâmara para a vida em sociedade mas constituindo o primeiro degrau de uma caminhada que a família e a comunidade enquadram. Deve proporcionar a cultura do outro como necessidade de compreensão de singularidades e diferenças, a responsabilidade pessoal e comunitária, o conhecimento rigoroso e metódico da vida e das coisas e a compreensão de culturas, de nações, do mundo”.

A escola é o local de formação pessoal e social, ao passo que a família deve contribuir para tal formação, o que pelas falas dos entrevistados não é mais percebido em nossa sociedade atualmente, fazendo assim da escola o único local de formação dos indivíduos.

Em seu texto Carvalho (2004) apresenta que os professores recorrem aos pais quando não conseguem lidar com os alunos, seja de maneira comportamental ou de aprendizagem. De certa forma culpando a família pelas dificuldades dos alunos, porque têm sido culpados, direta ou indiretamente, pelo fracasso escolar e pelas deficiências no ensino. Antes do surgimento da escola, sendo ela um espaço isolado de aprendizagem, os jovens eram educados em casa pelas famílias e pela comunidade, inclusive na participação de práticas produtivas e rituais coletivos.

Conforme as famílias começaram a se nuclearizar (pais e filhos apenas) e se isolarem, e os responsáveis passaram a trabalhar fora de casa, reduzindo assim suas funções reprodutivas sociais e culturais, a escolarização intensificou-se como modelo sistemático e especializado de educação. Isso fez com que torna-se o contexto central do desenvolvimento dos estudantes, assumindo assim funções sociais e emocionais adicionais, fatores esses vistos como dificultadores da prática docente. A autora completa dizendo:

“De acordo com o modelo tradicional de delegação, a divisão de trabalho educacional entre escola e família era clara: a tarefa da escola era a educação acadêmica, enquanto a da família era a educação doméstica – assim, as professoras não deveriam esperar da família mais do que cuidados físicos e emocionais para que a criança chegasse à escola preparada para aprender o currículo escolar. A tão falada crise da família – divórcios, pais e mães estressados, mães trabalhadoras, mães chefes-de-família sobrecarregadas, falta de tempo (em quantidade e qualidade) para convivência com os/as filhos/as – reduziu seu papel no cuidado físico e emocional, bem como na disciplina social e moral, requerendo das escolas a extensão de seu tradicional papel de instrução acadêmica e cívica a fim de englobar vários aspectos de assistência biopsicossocial. Nesse contexto, é inconcebível atribuir à família um papel na educação acadêmica (2004, p.53)”.

Podemos dizer com essa ideia que a escola deve assumir um novo papel, mais pesado e árduo para os professores, que além de educar os alunos devem ensinar os conhecimentos referentes as suas disciplinas, fazendo assim um papel de responsável e educador concomitantemente. Resultado disso? Como os professores entrevistados falam, fica cada vez mais difícil trabalhar com qualidade.

Podemos ver que, as mudanças que a Educação passou desde os anos de 1990, de maneira estatal, onde novas formas de gestão pública são adotadas, fazendo assim com que as obrigações e responsabilidades passem do âmbito central para o local. Sendo assim, tornam a regulação educativa com a centralidade na gestão pública, ou seja, a democratização do acesso à escola se dá pela massificação do ensino (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009).

Segundo esses autores, os profissionais da educação nesse contexto da nova regulação educativa parecem ter mais responsabilidades sobre si, demandando maior autonomia, capacidade de resolver os problemas localmente, reflexão sobre sua realidade e trabalhar de forma coletiva e cooperativa. Esses achados vão ao encontro de Oliveira (2004) quando o autor fala que essa reconfiguração da organização escolar tem feito surgir novas funções e reorientado as tarefas e obrigações anteriormente dedicados ao trabalho docente. Tudo isso vai ao encontro das falas dos professores entrevistados, já que comentam que uma das grandes dificuldades de ser professor atualmente é por conta do seu papel profissional ter sido alterado, aumentando uma grande gama de funções e atribuições que não lhe eram correspondentes.

Melchior (2008) traz uma análise dizendo que essas mudanças e evoluções do sistema também geram mecanismos de intensificação do trabalho. Mas essa intensificação só fica explícita no âmbito do trabalho, pois é quando o professor (trabalhador) regula suas novas funções e tarefas ao mesmo espaço-tempo que tinha anteriormente. Como apresenta Oliveira (2006) os professores são muito demandados em seu trabalho e frequentemente sentem-se responsáveis pelo desempenho de seus alunos e da escola, associado a isso, Lüdke e Boing (2007) ressaltam que as críticas externas ao sistema educacional acabam cobrando dos professores ainda mais trabalho, como se a educação por si só resolvesse todos os problemas da sociedade.

Podemos concluir que a mudança no papel da educação deve-se ao fato da mudança que a mesma sofreu na sociedade, culminando assim para uma intensificação do trabalho docente e do papel da escola. Esses fatores associados geram tensões e intensificações ao trabalho dos professores, o que torna a carreira docente desgastante e complexa, e cada vez menos atrativa para os jovens concluintes do ensino médio.

### 8.3 Saúde e suas relações

Na atualidade é um dos temas mais falados em todos os âmbitos, na escola, na roda com os amigos, na universidade, muito se tem falado sobre a saúde e assuntos relativos como o cuidado para com a mesma, hábitos de vida saudável, alimentação saudável, entre outros. Um dos objetivos principais desse estudo era entender a relação que saúde e trabalho possuíam perante a carreira docente, compreender se os professores estudados adoeceram por conta de seu trabalho.

Como apresentado por Minayo (1992) a saúde deve ser vista como um conjunto de fatores (alimentação, habitação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso a serviços de saúde). E antes disso, as relações de organização social da produção, que podem gerar grandes desigualdades em vários âmbitos da vida, influenciam diretamente nessas questões. A saúde dos professores é um objeto de estudo de muitos autores, de várias áreas de atuação (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009; MELCHIOR, 2008; NORONHA, 2001; VIANELLO, ASSUNÇÃO; GAMA, 2008; CRUZ et al. 2010) e todos apresentaram o quanto a saúde desses profissionais têm sido afetada por conta das suas relações com o trabalho e fatores associados.

Os professores entrevistados responderam a algumas questões sobre a relação saúde-trabalho e se acreditavam que essas relações influenciaram em sua saúde. Como esperado, a hipótese do estudo seria que essas relações fossem afetar a saúde dos professores diretamente, e todos comprovaram essa ideia inicial, confirmando que sim, o trabalho afetou diretamente na sua saúde.

Na literatura encontramos diversos estudos apontado várias doenças relacionadas ao trabalho docente, Síndrome de Burnout (CARLOTTO, 2002; CARLOTTO; PALAZZO, 2006; ESTEVE, 1987; SILVA, 2010; SINNOT, 2013), problemas diversos, psicológicos, posturais, nas cordas vocais, entre outras enfermidades (DELCOR, 2004; GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005 e 2006; MENDES, 2006, NORONHA, 2001).

Os professores entrevistados em nosso estudo reportaram problemas com estresse, problemas posturais e dependência de álcool. Sendo apontado pelos mesmos que esses problemas tem relação direta com o seu trabalho e as condições encontradas nas escolas.

Podemos notar essas evidências nas falas dos professores, eles explicaram os motivos de seu afastamento e se acreditavam que a relação saúde-trabalho foi responsável ou impulsionou seus problemas de saúde. Professor 1:

“É um problema na coluna especificamente, tem uma escoliose de 27 graus que já seria pra cirurgia né, e discopatia degenerativa. O que acontece, como eu a escoliose é muito grande o corpo tá sempre compensando pro outro lado, e como eu ficava em pé 8 horas por dia né? E levantando peso, no município eu tinha muita criança especial na época, eles diziam ‘aí chama quando tiver que levar no banheiro’, mas as vezes a criança a ‘to me mijando’ na hora tu pega e sai correndo. Então agravou muito pelo peso”.

Professor 2:

“Eu tinha problema com drogas, álcool, chegou um ponto que tava, eu comecei a ir já drogada pra escola, começou a atrapalhar no meu trabalho, lógico começou a atrapalhar muito, então a diretora , hoje agradeço muito a ela, disse ‘tu não tá conseguindo sozinha, te sugiro pedir um afastamento do município’. Na hora eu fiquei assim, bah querem me ver pelas costas né? Mas hoje eu agradeço muito a ela, porque daí eu sai e resolvi me tratar. Me internei em uma clínica pra dependente químico e agora to um ano e três meses já limpa sem usar nada. [...] Eu tive várias, várias licenças, umas por problemas de articulação, fiz sete cirurgias, outras por depressão, então tive vários afastamentos”.

Professor 3:

“É triste isso, saúde é triste né? Eu adquiri uma doença que se chama artrite reumatoide, e ela iniciou nas mãos e passou pros pés, onde passou pros pés, aí não tem mais como trabalhar né?”.

Professor 4:

“[...] Eu tive um problema, porque eu já vinha vindo com tendinite né? Eu tive um problema ai precisei, não podia dar aula porque o médico me disse que não podia usar tênis, não podia usar o salto baixo, aí eu fiquei um bom tempo assim né? [E essa tendinite tu acha que foi em decorrência do trabalho?] Foi, foi, isso foi constatado”.

Professor 5:

“Eu já não tava muito bem mesmo, eu tava fazendo, me esforçando mais, demais pro atual peso que eu to e aí o que aconteceu foi que me colocaram em delimitação. [...] E delimitação te coloca na biblioteca, só que te coloca em algum setor, a primeira opção da escola era me mandar embora. [...] Aí fui pra biblioteca e tava com duas colegas e tinha que empilhar livros para serem entregues, carimbar os livros, esse tipo de coisa, só que tu tem que entregar 10, 12 livros. Então eu fui separando 10 livros por grupo pra facilitar a entrega, fiz pilhas de cada livro e ficava fácil de pegar. Como eram mulheres e estavam todas com seus problemas de saúde também, eu fui empilhando e aí minha estenose do canal medular foi pro bebeléu, e daí dali voltei pro atestado”.

Professor 6:

“[...] eu tava um dia na escola a tarde né? E comecei a sentir uma dor no lado esquerdo do peito, assim que era um aperto e aí parava. [...] Eu fiquei das três da tarde eu calculo mais ou menos que era essa hora, até as sete que eu tinha aula, e eu fiquei nessa, vai e vem, e dor e passa [...] mas assim ficou persistente. Então aí eu fui logo que saí do trabalho fui no pronto socorro ali, fizeram já um eletro cardiograma ali, disse não é teu coração, é o estresse e a pressão um pouco alta”.

Podemos perceber nas falas que os professores tiveram problemas de saúde referentes diretamente ao seu trabalho, culminando no agravamento da sua saúde e lhes impossibilitando de exercer suas funções. Esses dados encontrados vão ao encontro de outros estudos como os de Assunção e Oliveira (2009); Melchior (2008); Noronha (2001); Vianello, Assunção e Gama (2008); Cruz et al. (2010), onde estes autores apresentaram o quanto o trabalho acaba impulsionando o adoecimento docente por uma série de fatores desde os referentes diretamente ao trabalho, como passar horas em pé, exposição as ações climáticas até questões como insegurança, desvalorização da carreira docente, modificação do papel do professor, entre outros.

Quando os professores foram questionados se acreditavam que o trabalho teria culminado em sua condição de saúde eles concordaram que sim. Encontramos também nas falas que os professores trabalharam muitas vezes doentes, ou em condições complicadas de saúde como podemos ver nas falas do Professor 1, Professor 2, Professor 3 e Professor 4.

Professor 1: “[...] pra mim até me afastar foi horrível admitir né? A função da doença, e tu sempre trabalhando o corpo, falando da saúde, sempre, eu sempre ativa e de repente ter que parar ou de repente ter que ir no médico, já foi difícil, eu demorei três meses pra ir”.

Professor 2: “[...] pois é, eu relutei muito tempo pra não deixa a escola na mão, não deixar os alunos na mão, aí que me adiantou?”.

Professor 3: “[...] eu fui até o fim. Tudo que eu pude né?”.

Professor 4: “[...] eu já vinha vindo com tendinite né?”.

Essas falas demonstram que muitas vezes os professores trabalham já doentes, sem procurar médicos ou desrespeitando ordens médicas e agravando cada vez mais sua saúde. Isso corrobora com o estudo de Noronha (2001), realizado em Montes Claros (MG) e que apresenta inúmeros casos de professores trabalhando doentes, sobrecarregados por tarefas diversas e pelas mudanças no papel do professor.

Quando questionados sobre os recorrentes parcelamentos de salário, as greves e paralisações realizadas sem obter nenhum efeito nas ações governistas afetavam sua saúde, os professores responderam sem hesitar que sim, principalmente na saúde mental e psicológica. Como apresentado nas falas abaixo.

Professor 1:

“Puu isso afeta a saúde física e mental, emocional, sim porque a discussão é ‘tá vou trabalhar como se não to com meu salário, hã tão pedindo, tem gente pedindo dinheiro emprestado pra vir de vale transporte, pagar o vale, outro emprestando cartão, então isso estressa né? [...] eu acho que influencia direto porque a gente nunca sabe o dia de amanhã né? E daí tu fica preocupado com as tuas contas, se tu vai ter o dinheiro amanhã pra vir trabalhar. [...] A gente sempre conta com aquele dinheiro certinho né? E eu acho que influencia demais a gente claro o físico, mas o emocional, acaba vindo a depressão, o medo, o sentimento do que vai ser amanhã, será que tu vai ter e as vezes tu conta com o décimo terceiro lá já sabendo o final do ano, e não vem, infelizmente deixa louco cara”.

Professor 2:

“Claro que afeta nossa saúde, tu já não ganha uma maravilha né? Ai tu tem aquele dinheiro contadinho pra pagar as coisas que tu tem, pra pagar médico, as coisas de casa, ta tudo já certinho na ponta do lápis ai o cara te deixa sem esse dinheiro, vai rolando dívida, vai rolando dívida e a tua cabeça fica, tu imagina pra saúde mental ó, e tu não tendo a tua saúde, o pessoal não estando bem tu afeta o teu físico né?”.

Professor 3:

“Bom, eu na minha né, pelo uso de medicação é claro que me afeta bastante né? Porque eu dependo do dinheiro para comprar a medicação, né? E a saúde dos professores que tão na ativa eu acho que acho que, não só a saúde como o psicológico. As pessoas têm os compromissos, elas precisam ter o dinheiro para pagar no final do ano, é assim, ó por exemplo de pessoas que têm filhos pequenos, por exemplo que tem vamos dizer assim secretária que cuida dos pequenos, das crianças. Quer dizer que ele vai chegar e dizer o que? ‘Olha não vou te pagar porque eu não tenho dinheiro, o governador parcelou’. Ela não vai vir e o professor não vai vir dar aula, porque ele tem que ficar com a criança, com quem fica? É bem complicado isso né, então afeta assim, afeta a saúde, afeta o psicológico, afeta a vontade de vir trabalhar, porque tu tens que resolver n problemas. Como é que tu vai dar aula pensando que tu tem que pagar tal coisa e tu não tem, tem pagar aluguel, tem pagar uma água, tem que pagar uma luz, são coisas essenciais e que tu tem todos os dias, todos os meses pra pagar né? Então não tem como afetar, não tem”.

Professor 4:

“Com certeza. Antes a gente tava falando da física, mas a psicológica tá muito abalada. Ta abalada, a gente perde um pouco a dignidade, de tu não saber se no final do mês tu vai conseguir pagar as tuas contas né? [...] Eu acho que mexe assim com o mais profundo da gente, assim da dignidade, além da gente não conseguir aumento né, que a gente já vem ganhando pouco a tanto tempo e tu não consegue nem ter aquele pouco que tu tens direito”.

Professor 5:

“Chico, quinhentos reais hoje na conta, será que afeta a gente? Assim, o estado tá sendo sucateado né tchê? É a primeira vez que eu vejo isso, não tem como ficar nisso, tem que dar o fora, afeta a saúde, os outros problemas, mas não sei como qualquer coisa que te gere estresse não é muito bom né? Não sei, não sei te responder muito bem isso”.

Professor 6:

“Bah acho que é o que eu to tentando dizer ali, influencia, influencia negativamente, aí eu vejo que não é só eu, eu vejo outros colegas mesmo que de repente não tão tirando licença, a gente ve, a gente percebe assim sabe é um certo desalento tu me entendes assim? [...] De ter entrado em 89, peguei vários governos né? Vários, eu acho que olha foram 7 ou 8 né? De vários partidos e perspectivas diferentes, é uma situação que não se consegue mudar muito assim sabe? [...] Mais o Brasil né tchê é assim realmente a escola pública é lascada cara, é lascada, é diferente até de quando eu estudei. Professor faltar, era raro tu sair mais cedo, eu acho que a própria escola pública decaiu. [...] Hoje as escolas pelo que eu vejo, que eu trabalho é muito mais fácil os alunos não ter aula, os alunos sair mais cedo, muita gente falta e hoje eu sou um deles [...] só que isso aí é um somatório, chega um momento que esse agravamento de situação e o passar do tempo, eu acho que a saúde é isso aí, a saúde do cara sofre”.

Os professores demonstram em suas falas um ar de desalento, como se não houvessem maneiras de modificar essa situação, como se a tendência fosse somente de se agravar cada vez mais. Expressam claramente como essa situação de atraso de salários, de paralisações e greves sem sucesso afeta e muito a sua saúde, e claro, dos colegas de profissão, salientando os efeitos na saúde psicológica desses docentes.

Encontramos aqui um pequena parcela dos professores que trabalham doentes, que se encontram com a saúde prejudicada e ainda assim vão ministrar as suas aulas, sabendo que aquele pouco salário é muito necessário para manter a sua vida. A conjuntura dos acontecimentos atuais indigna ainda mais, pois percebemos o pouco valor destinado aos educadores e isso afeta ainda mais a saúde, física e psicológica, colocando em risco o processo de educação e a qualidade do ensino.

Nessa lógica, compartilho da ideia de Durden (2003), esse autor retrata o homem na sociedade das doenças apresentando a concepção de que vivemos em:

“Uma sociedade decadente em seus próprios princípios imutáveis. Princípios velhos, arcaicos, defasados por uma lei da selva. Uma selva de pedra violenta, absurda, subitamente letal em qualquer caminhada descomprometida. É neste que vivemos. Que aceitamos.”

Em seu texto o autor explica o quanto as alterações e imposições sofridas pela sociedade fazem com que o homem adoça, vivendo cada vez mais imerso em uma sociedade enferma e tendo sobreviver, trabalhar, educar e evoluir em um mundo desregulado. Todos esses fatores recaem sobre a figura do professor que se encontra

doente, trabalhando adoecido e tendo de educar com qualidade sem ter as mínimas condições para isso.

O retrato disso são os professores, quando questionados sobre a utilização de medicamentos no seu dia-a-dia as respostas demonstraram a utilização de remédios controlados por diversos motivos. Para problemas na coluna e anti-inflamatórios (professor 1), Rivotril para ansiedade e florais (professor 2), medicações muito fortes e até mesmo quimioterapia (professor 3). Professor 4: “[...] não, hoje em dia não, mas ficou uma sequela porque eu não curei direito, então se eu andar muito de tênis por exemplo, um dia, dois assim de tênis direto sem ter um saltinho assim, já sinto, me incomoda os tendões no tornozelo esquerdo”. Professor 5: “nenhuma medicação nem pra controle de nada, tá tudo direitinho no sangue, a questão não é sanguínea, é de peso sobre o quadril que já tá com lesão na cabeça do fêmur, pode romper”. O professor 6 disse estar tomando remédios para pressão, florais, antidepressivo e dois para controlar o humor.

Apenas dois professores relataram não utilizar remédios para nenhuma doença, um dado preocupante visto que compõem esse grupo apenas seis professores. Isso pode indicar o quão doente os docentes em geral se encontram, alguns estudos tratam sobre a utilização de medicamentos pelos professores e as relações de adoecimento com o trabalho (NORONHA, 2001; VIANELLO, ASSUNÇÃO, GAMA, 2008).

O que podemos perceber com as falas dos professores é que, os profissionais da educação vêm tendo sua saúde prejudicada em virtude do próprio trabalho (VIANELLO; ASSUNÇÃO; GAMA, 2008). Procurando maneiras de dar conta de todas as novas demandas enfrentadas no dia-a-dia como exposto por Muotri e Simões (2011, p. 131):

“As crianças serão enviadas para a Escola cada vez mais cedo e nela permanecerão por um tempo mais extenso. E isso não será porque há um mundo novo de informações a ser processado e, sim, porque a Escola deverá exercer o tradicional papel das famílias, das comunidades, da religiosidade, e ainda, o que lhe era próprio: desenvolver conhecimentos e habilidades. Ela deverá se ocupar com a formação integral do ser humano e terá como missão suprema a formação do sujeito ético”.

Os professores tornam-se alvo dos transtornos psíquicos, que são um dos maiores, senão o maior responsável pelo afastamento de função. Como citado anteriormente, os estudos de Assunção (2003), Siqueira e Ferreira (2003), Delcor

*et.al.* (2004), apontam para um dado importante nessa relação saúde-trabalho, esses autores apresentam dados que comprovam que os professores possuem duas vezes mais chances de desenvolver um transtorno psíquico que o resto da população.

Fazendo uma breve análise encontramos um quadro de professores doentes, trabalhando muitas horas por semana, em escolas sucateadas e tentando ensinar da melhor maneira possível, sofrendo as mais diversas pressões (tempo, clima, família, pais de alunos, etc.). Os problemas de saúde docente são alvos de estudo desde a década de 80, as primeiras ocorrências referentes ao trabalho são de países europeus (Suécia, França, Alemanha e Reino Unido) (CRUZ ET AL., 2010). Os principais problemas eram o estresse e a Síndrome de Burnout, ambas levando muitas vezes ao abandono da profissão (ESTEVE, 1987).

Cruz e seus colaboradores (2010), apresentam dados que os docentes, invariavelmente, estão em uma condição de predisposição aos transtornos psicossociais relacionados ao trabalho, os quais estão associados a agravos físicos, como a LER, ou problemas posturais diversos, acentuando os desgastes profissionais.

Mendes (2006) dá destaque ao estresse do professor, e as enfermidades que decorrem para além do exercício da profissão, as associadas às condições mais amplas geradoras deste (insegurança, baixos salários, violência escolar, constrangimentos institucionais, meio social de atuação, jornada de trabalho, aposentadoria e temas relacionados à progressão funcional).

Direta ou indiretamente, esses fatores influenciam na saúde do professor, geram problemas psicológicos e físicos e quase impossibilitam a continuidade na carreira docente. A saúde do professor tem sido estudada com frequência, a pelo menos duas décadas, e ainda é um tema atual. Os resultados obtidos, de forma geral, apontam para um elevado nível de estresse e problemas psicológicos entre docentes (GASPARINI, BARRETO E ASSUNÇÃO, 2005 E 2006; LEMOS E CRUZ, 2005; REIS ET AL., 2006; CARLOTTO, 2002; CARLOTTO E PALAZZO 2006). Tem se observado cada vez mais professores abandonando a profissão, ou procurando exercer outras funções na escola, evitando a sala de aula. O notado mal-estar docente está pautado por uma série de fatores do dia-a-dia dos profissionais, muitos deles complicados de alterar por questões políticas, econômicas e sociais.

Como apresentado nas falas dos professores a carreira docente adocece, direta ou indiretamente, mas ela afeta sim a saúde dos profissionais e pode determinar o rumo das vidas dos mesmos. O quadro encontrado reflete o quanto as alterações realizadas na educação afetaram esse índice de adoecimento, bem como, apontam para muitas dificuldades e falta de perspectivas de mudanças, como uma aceitação desses problemas e da maneira como a sociedade interpreta isso. Podemos dizer que vivemos em uma sociedade doente, que interfere no homem em seu estado cognitivo, físico e adaptativo levando a uma interferência nos valores éticos e emocionais somatizados no indivíduo (MUOTRI; SIMÕES, 2011).

#### **8.4 Precarização do trabalho docente e seus afluentes**

Da mesma maneira que um rio possui uma nascente e diversos afluentes, outros rios ou lagos que derivam de um mesmo local, a precarização do trabalho docente também possui. No caso dela, a precarização, seus afluentes são negativos, não possuem uma função boa de gerar novas vidas ou de auxílio, eles têm relação direta com a saúde dos professores, dificuldades na boa execução do trabalho e interferem negativamente na sociedade.

Poderíamos dizer que a aflente dessa precarização é da lógica do capital, uma sociedade dividida em classes possui subordinados que acabam recebendo uma educação precária. Os governos são subordinados da classe dominante, dele que se originam as verbas destinadas para a educação, dele que partem os investimentos (ou cortes) para essa área, dele que saem as medidas a serem adotadas como regras e que muitas vezes são impostas aos demais setores. Uma de suas afluentes com toda certeza é a saúde docente, como podemos relatar um pouco na categoria passada, os professores e profissionais da educação sofrem diretamente com a precarização de seu trabalho, influenciando diretamente na sua saúde física e psicológica. Quem também sofre com isso é a sociedade, essa precarização defasa as escolas, dificulta o processo de ensino-aprendizagem e consequentemente forma pessoas despreparadas ou com dificuldades de encarar a vida na sociedade, com problemas para ingressar no ensino superior ou até mesmo conseguir um emprego.

Como citado anteriormente, no estado do Rio Grande do Sul e no país de forma geral, enfrentamos um dos piores momentos econômicos dos últimos vinte anos,

aliado a escândalos de proporções mundiais e problemas políticos diversos que deixaram a sociedade estagnada. Soma-se a isso um governo no Rio Grande do Sul, que construiu sua base em ações de contenções máximas de despesas, promovendo uma série de ações que afetaram diretamente os servidores públicos, como o parcelamento dos salários, pagamento parcelado do décimo terceiro salário, congelamento dos salários até 2018, ano final do governo atual, fim de benefícios como licença prêmio, mudanças na forma de eleição e pagamento de vantagens à cargos diretivos em escolas, leis que permitem a busca de parcerias privadas para conservação e manutenção da escola pública, entre outros.

Aliado a não contratação de novos professores, muitos deles aprovados em concurso, ocasionando uma elevação na carga horária dos demais colegas em sala de aula, elevado número de alunos por turma e problemas no repasse financeiro às escolas que já enfrentam um sucateamento que se agrava a cada dia mais.

E no meio desse rio cheio de afluentes perigosas quem veleja contra o curso? Os professores, que estão sempre sendo pressionados para construir com os alunos conhecimentos e educa-los em todos os sentidos (principalmente intelectualmente e moralmente), mesmo sem saber os rumos que tomarão com a reforma da previdência, quanto tempo mais terão de trabalhar, se receberão o salário integral ao final do mês. Como realizar um trabalho de qualidade assim?

O FeteoSul em 2012 e o CPERS em 2009, apresentam dados sobre a precarização do trabalho docente, a saúde dos professores e a educação gaúcha. No que tange os recursos humanos, dos diretores entrevistados 47,1% afirmaram que o número de professores era insuficiente e 58,5% afirmaram que o número de funcionários não atendia a demanda da escola. Um exemplo disso é o fato de 60% das escolas pesquisadas não contarem com o Serviço de Orientação Educacional (SOE), outras 43,5% sem refeitório à noite, 30,2% sem refeitório permanentemente. Evidencia-se nessas situações problemas de distribuição de verbas e de pessoal, afetando serviços básicos da escola e de direito do aluno.

A falta de segurança foi lembrada por 60% dos entrevistados, reportando lembrar ou presenciar atos de violência na escola e arredores. Encontrou-se um dado referente ao tamanho das escolas, evidenciando que, quanto maior era a instituição de ensino, mais episódios de violência eram vivenciados ou recordados.

Sobre os recursos materiais os dados mais significantes foram, 57,9% dos entrevistados não estarem satisfeitos com as condições de manutenção das escolas. De todos os itens avaliados na pesquisa, o que obteve a pior avaliação foram o espaço esportivo, quadras e ginásios, seguido pela segurança nos arredores da escola. Além disso, 81,6% dos entrevistados afirmam que a verba recebida não cobria as necessidades da escola, ou seja, a comunidade escolar e equipe diretiva tinham de recorrer a outros artifícios para conseguir educar os alunos e administrar a escola da melhor maneira possível.

Investigou-se o estresse do professor do ensino privado no Estado do Rio Grande do Sul, apontando resultados alarmantes sobre a saúde mental desses profissionais e das condições de trabalho atuais.

Foram citados dados referentes a um estudo feito pelo Sinpro/RS (Sindicato dos Professores do Ensino Privado do Rio Grande do Sul) em 2006, onde o objetivo era de fazer um levantamento do perfil dos professores do ensino privado do Rio Grande do Sul. Encontrou-se que 48,5% dos professores apresentam sintomas do estresse, 29,8% tem problemas na coluna e 29,4% problemas vocais. Além disso, apresenta um dado preocupante, onde 83% desses docentes continuam trabalhando mesmo doentes, submetendo-se a lógica capitalista e prejudicando a si próprio e o processo de ensino-aprendizagem, muitas vezes executando um trabalho de qualidade duvidosa.

O estudo foi realizado em 2012 foi feito com 202 professores, localizados em sete cidades do estado (Caxias, Pelotas, Passo Fundo, Santa Maria, Porto Alegre, Canoas e São Leopoldo). Foi enviado pelo correio aos participantes, Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL), o Questionário para a Avaliação da Síndrome de Quemarse por el Trabajo (CESQT) e um Questionário de Dados Sócio Demográficos e de Estresse Laboral.

Os dados encontrados apontaram que 58,4% dos professores encontravam-se com estresse, onde predominou a fase de resistência em 50,5% dos pesquisados destacando-se os sintomas cansaço excessivo e tensão muscular. Quanto ao trabalho, os dados a seguir são referentes a uma escala de 1 a 5, onde os valores maiores ou iguais a 3 representavam fatores de estresse. Foram considerados mais estressantes a sobrecarga de atividades extraclasse, o excesso de atividades, falta de interesse ou motivação dos alunos, falta de educação ou limites dos alunos, baixa

remuneração e os prazos estabelecidos para cumprir as atividades. No questionário CESQT, utilizado para avaliar professores com Síndrome de *Burnout*, encontrou-se que 16,82% dos docentes apresentavam sintomas da síndrome e 61,8% dos mesmos encontram-se com altos índices de *Burnout*. Os professores mais afetados foram os de ensino médio e fundamental.

Esses estudos apontam para problemas que os professores entrevistados confirmam, podemos notar nas suas falas as dificuldades de se executar um trabalho de qualidade e como isso afeta a saúde dos mesmos. Os professores foram questionados sobre os principais problemas estruturais da escola, como apontado nos estudos anteriores um fator de dificuldade, muitas vezes uma barreira para um ensino de qualidade e se esses problemas influenciaram de alguma maneira no seu adoecimento e afastamento da sala de aula.

O Professor 1 disse:

“[...] na outra escola do município ela tem uma estrutura boa, mais na época, agora sei que tá com muitos cuidadores e muita coisa, mais na época a gente não tinha muito isso, então tu tava dando aula, dava aula sozinha né, mesmo tendo criança especial, cadeirante, cego, isso e aquilo e então tu tinha que parar sair correndo, chamar alguém ou levar e daí ficam os outros todos parados [...] esse sim era um problema grande porque influenciava a minha saúde [...] é o tipo de trabalho mesmo, o nosso trabalho é ficar em pé, é correr, e eles gostam que a gente jogue junto, que a gente mostre, tem que mostrar, mais como eu parei né? Quando agravou mesmo eu parei”.

O Professor 2 falou diretamente na relação do espaço físico e da precarização da escola:

“A estrutura, a quadra fica no centro da escola onde todas as salas de aula, reflete barulho em todas as salas de aula, lá na Z3, no município tá? E outra coisa que influenciou muito, lá no município a gente sempre teve bastante material, no município sempre foi tranquilo de material, sempre o mais é de estrutura de quadra mesmo. São três professores pra usar um espaço só, então a maior parte das brigas eram por causa disso, tinha que tá dividindo, aí umas turmas ficavam sem a quadra nenhum dia da semana. [...] E o espaço era um só pra três professores, então uns tinham que ficar no canto, tinha um campinho lá na rua, iam pro campinho, então as condições de trabalho é muito, muito, influencia muito. Na outra escola também (estadual) são três professores mais tu tens dois espaços né? Tu tem o ginásio lá dentro e lá na rua tem uma, um espaço de terra, mas também a escola é enorme né? Tem as professoras do currículo também que precisam usar esse espaço, então sempre o espaço é um limitador, o espaço e no estado o problema de material é, não tem, praticamente não tem, o estado da menos, menos infraestrutura que o município. Tu tens que tá criando lugares, criando material, criando tudo, alternativas para poder trabalhar.”

O Professor 3 acredita que seu problema não foi afetado pelos problemas estruturais, mas acredita que a saúde de forma geral é afetada sim:

“Não, o problema estrutural da escola não, não tem nada a ver com o problema da minha saúde. Eu acho que nós professores de EF temos um problema muito sério que prejudica a nossa saúde que eu acho que é o clima. Assim ó, frio e vento eu sempre, as gurias sempre riram, porque eu sempre disse pra elas assim que a gente tinha que ter aquele, como é? Que todo mundo tem, o como é de vida, como é aquele? Um seguro de vida, professor de EF precisa ter um seguro de vida ou ai, tem outro termo eu vou me lembrar {Receber por insalubridade?} É esse, é as gurias dão risada eu digo sim, mas o que é, eu cansei de dar aula de casacão e capuz por causa dos ouvidos. Eu já tive por exemplo um aluno que tinha uma batida boa na bola que era encantadora assim, e eu tava perto da goleira e ele bateu e me deu aqui {apontando pro queixo} Desloquei o maxilar, tiver que botar um, depois de um tempo, uns dois anos mais ou menos aqui {queixo} encheu de novo e tive que fazer infiltração. Né, então coisas que assim podem acontecer com um aluno, pode acontecer com a gente entendeu?”.

Professor 4:

“Acho que não, acho que não assim, claro tinha como é que eu vou te dizer assim, não tinha uma quadra específica, nem de futebol, nem de vôlei, nada assim, eu dava aula num campinho assim, um areião, tanto o vôlei, só o basquete que até tinha um, uma parte de cimento, mais até o atletismo por exemplo eu não conseguia trabalhar porque não tinha assim espaço, tinha que tá criando espaço assim pra poder ensinar saltos essas coisas assim, até salto em altura eu não tinha material nenhum pra poder trabalhar o salto em altura. Daí talvez pudesse assim, porque eu sempre pratiquei junto com eles, então é, e futebol também, eu gostava de jogar futebol com eles e não tinha um lugar adequado e também naquela época que eu dava aula, a gente não tinha assim esses tênis que tem hoje em dia, cheio de tecnologias pra isso, praquilo, com amortecedor, era tudo bem, era tudo reto né? O solado, então acho que também a questão do calçado influenciou bastante nesse meu problema do tendão”.

Professor 5:

“Ah, outros problemas me levaram a minha condição de saúde atual, mas hã, na escola os problemas estruturais da escola atrapalham, atrapalham o trabalho, deve atrapalhar o trabalho de quem continua lá. Não deve ser, falta de material, assim é, essa história de ser criativo não dura vinte anos, é impossível o cara ser 20 criativo 20 anos, tu tem que tá muito alucinado pra ficar inventando coisas diferentes e te satisfazer e ficar fazendo, encher bola, encher garrafinha pet com areia pra que aquilo seja um cone. Eu não tenho mais saco pra fazer isso, eu realmente não tenho, eu quero trabalhar em condições ideais, acho eu, não só eu quero trabalhar em condições ideais, pais pelas crianças, como as crianças merecem é um da bola furada pra criança, sem os gomos, é vai fazer uma atividade com o cone, o cone tá quebrado. Tu não tens condição de fazer, de trabalhar e ir adiante do básico. [...] tu não consegue botar, no estado, um prego no lugar, tem um prego na parede que o aluno quase deu com a cabeça num prego virado assim, não era um prego era um gancho. Tinha um gancho da grade, quando eu fui ver o cara tava sentado, eu olhei onde ele tinha batido, não furou a cabeça ali na hora porque não era pra ser. Agora se o cara fura a cabeça assim ali o que que acontece? [...] até então tu tá correndo risco no estado em, olha essa

primeira lá eu não tive problema com isso, que eu reclamava e o cara arrumava muito porque tinha a questão do esporte e ele me colocou de coordenador. Mas, mas outras escolas que eu passei do estado, todas, todas, todas, todas com problema e vai levando como dá, vai fazendo jeitinho, faz não sei o que, deixa pra lá, não é sempre da pior maneira possível”.

#### Professor 6:

“Sim, sim, então essa coisa de tu tá trabalhando em várias escolas aí é um problema porque, por exemplo. Vínculos que tu cria assim, com as turmas, porque por exemplo de um ano pro outro se tu permanece no lugar tu via conhecendo aqueles alunos [...] e hoje eu sinto muito né, rodando aí pela cidade, um no fim da cidade, no fim de outro bairro, outro mais perto de casa, mais na região do centro, mais o cara acaba rodando bastante assim, aí cada um é uma condição de trabalho né? Os espaços, embora não sejam tão diferentes essas três, por exemplo são três escolas grandes na verdade, que tem ensino médio, na verdade nesse sentido não são tão diferentes, mas o conjunto dos colegas, tipo de direção, o tipo de perspectiva pedagógica, hã, as datas quando junta conselho de classe coisas, às vezes o negócio pecha, sábado que têm que recuperar né? Então é uma dinâmica assim que, que realmente complica, outro ponto bem objetivo assim né? Eu acho que eu não tinha passado por isso ainda né? Esse atual governo por exemplo, o anterior né tchê, eu assumi por exemplo dez horas nessa escola aqui com oito de sala de aula, na outra eu tenho dez horas e tenho seis de sala de aula, na outra eu tenho vinte, tenho dez de sala de aula e tenho, consegui cinco horas prum projeto, que essas cinco horas não é cinco horas com alunos né? [...] eu entro sete e quarenta até as cinco com um intervalo pra deslocamento e almoço, deslocamento de bairro e almoço de uma hora. Aí é violento entende? [...] então é bem precária assim nesse sentido, é uma, aí eu vejo colegas ali que tão dando, pegando outras matérias, que não tem formação entendeu? [...] a condição que a gente se coloca assim pra esse trabalho é realmente, tu vai sofrendo, tem uma série de outras coisas, mas hã, aquela condição de trabalho ali, ela com o tempo acho que vai judiando da pessoa entendeu?”.

Podemos notar nas falas de todos os professores, até mesmo dos que disseram que os problemas de infraestrutura não influenciaram na sua saúde, contradizendo-se em seguida, que as dificuldades da escola pública são inúmeras. Concordando com os estudos da Feteesul (2012), CPERS (2009) e Sinpro/RS (2006), que apresentaram os dados sobre os problemas da escola, na questão de falta de espaços para prática, superlotação das salas de aula, escolas sucateadas, falta de material para as práticas e o quanto esses fatores interferiram na saúde dos docentes, fisicamente ou psicologicamente.

No grupo de professores entrevistados notamos os sinais do estresse, das dificuldades enfrentadas e como isso os toca, afetando psicologicamente e as vezes fisicamente, sendo quase uma barreira para a execução do seu trabalho, em falas

como: “a condição que a gente se coloca assim pra esse trabalho é realmente, tu vai sofrendo, tem uma série de outras coisas, mas hã, aquela condição de trabalho ali, ela com o tempo acho que vai judiando da pessoa entendeu? (professor 6)”. “Tu não tens condição de fazer, de trabalhar e ir adiante do básico (professor 5)”. “[...] não tinha uma quadra específica, nem de futebol, nem de vôlei, nada assim, eu dava aula num campinho assim, um areião, tanto o vôlei, só o basquete que até tinha um, uma parte de cimento (professor 4)”. “Eu acho que nós professores de EF temos um problema muito sério que prejudica a nossa saúde que eu acho que é o clima. (professor 3)”.

“Tu tem o ginásio lá dentro e lá na rua tem uma, um espaço de terra, mas também a escola é enorme né? Tem as professoras do currículo também que precisam usar esse espaço, então sempre o espaço é um limitador, o espaço e no estado o problema de material é, não tem, praticamente não tem, o estado da menos, menos infraestrutura que o município. Tu tens que tá criando lugares, criando material, criando tudo, alternativas para poder trabalhar (professor 2)”.

“[...] é o tipo de trabalho mesmo, o nosso trabalho é ficar em pé, é correr, e eles gostam que a gente jogue junto, que a gente mostre, tem que mostrar (professor 1)”.

Todos os professores mostraram-se frustrados pelas situações que enfrentaram, mas a fala mais marcante é do professor 6 que toca na questão da profissão, de como os docentes tem de se doar para a execução de seu trabalho e como isso deteriora a sua saúde.

Os dados obtidos vão ao encontro de estudos como Cruz et al. (2015), Cunha (2010), Delcor (2004), Fete/Sul (2012), os quais apresentam o quanto a precarização do trabalho docente influencia na saúde dos professores e o quão difícil é de trabalhar para esses indivíduos. Os docentes entrevistados falaram de muitos problemas estruturais, falta de material, sobrecarga de trabalho, mudança no papel do professor, todos eles sendo complicadores, quase barreiras à um ensino de qualidade.

A fala do professor 6 nos remete ao texto de Kreutz (1986), onde o autor tenta desmitificar a ideia de que o magistério é um sacerdócio, “vocação santa”, e traz relações históricas e culturais sobre o assunto. Essa concepção do magistério dificultou muito os professores para se organizar como categoria e lutar por seus direitos, isso acarretou em uma resistência por parte da sociedade com os docentes, cobrando assim uma postura vocacional e de doação.

Nesse ponto, podemos nos ater a ideia de Haguette (1991), que coloca em voga a identidade do trabalho docente como um bico, fruto de um total descaso com a carreira docente no Brasil: “o trabalho na educação é um bico, no discurso uma vocação e como veleidade uma profissão” (p.109). Bico sendo definido como um trabalho realizado em tempo parcial, para receber uma recompensa monetária, independente do valor, um trabalho que não satisfaz pessoalmente, que serve como uma maneira de sobreviver, não é permanente, é apenas até se conseguir algo melhor.

O autor afirma que um círculo de mediocridade é criado, ou seja, o empregador (estado, município) finge que remunera e o empregado (professor) finge que trabalha. Sobre a vocação, ele a trata como uma ideologia que serve de autodefesa, como uma forma de motivação para manter-se na profissão de docente.

Nesse ponto, sobre o profissionalismo, Hypolito (1991) trata em seu texto que o docente ora é visto como profissional, e ora como trabalhador proletarizado. Segundo ele, no Brasil ocorre de maneira acelerada um processo de proletarização do docente, onde há alguns anos o professor era um profissional autônomo, reconhecido, uma autoridade e atualmente, em sua maioria, são identificados como assalariados, desqualificados, sem controle sobre seu trabalho e sindicalizados.

Todos esses dados refletem o quanto a profissão docente é difícil, enfrentando inúmeras adversidades e apresentando desafios enormes, desvalorizada, sobrecarregada e como os dados mostram, afetando diretamente a saúde dos professores.

Outro momento da entrevista de extrema relevância que deve ser discutido aqui, relaciona-se diretamente com a carreira docente e a precarização. Os professores foram questionados se retornariam a sala de aula se pudessem, e tivemos na grande maioria respostas negativas, fruto do cansaço e estresse da profissão, ou como relatado da impossibilidade de crescimento na carreira.

Professor 1: “[...] eu queria voltar mesmo, queria voltar agora eu fico pensando se até 65 anos vale, imagina a gente dando aula até essa idade, de EF ainda né?”.

Professor 2:

“Mais nunca mais volto a da aula, e olha vou te dizer que daqui alguns anos não vai ter mais professor, porque as pessoas tão se formando não querem mais saber de sala de aula, e as que começam, que nem te coloquei, desses

quatro professores que eu com o decorrer dos anos eu to lá na escola estadual, só lá tiveram 3 ou 4 professores que entraram, começaram e abandonaram o barco, não quiseram mais, pediram a exoneração. E outros que eu conheço, que passaram em concurso e foram pra 5° CRE pra ver o tramite todo e quando viram o salário nem aceitaram o cargo, não quiseram, saíram fora. Então eu acho que olha, cada ano que passa tá mais difícil e eu não, eu não sei não que vai ser da educação, porque do jeito que tá, tu não sabe, mas eu sei, tem muito mais professor que tu imagina de licença [...] então as pessoas estão cada vez mais desanimadas, é muito pouco que sai da faculdade, EF mesmo tenho vários amigos que eu conheço, 'a tu vai dar aula? Mais de jeito nenhum, vou fazer qualquer coisa, menos dar aula', então acho que a dificuldade tá cada vez maior. [...] olha eu já to desiludida, agora mesmo cortaram verba da saúde e da educação de novo né? Vai ficar cada vez pior”.

#### Professor 3:

“É uma carreira pra quem gosta, se tu não gosta tu não entra, porque eu conheci uma professora que ela era muito engraçada, professora de matemática e ela não entrava na sala de aula, ela dava aula na porta. Eu sempre dizia pra ela, te afasta, se tu não gosta, isso não tá te fazendo bem, e até que ela realmente se afastou assim não, se afastou da sala, foi pra uma parte mais burocrática né?”.

#### Professor 4:

“Olha eu acho que não, tenho muito medo, eu penso muito assim, ainda mais agora com a função da aposentadoria né que tá mudando as regras da previdência e eu, aí só eu vou ter que ir até os 65 anos pra conseguir me aposentar, porque eu não tenho 50 anos né. E aí eu fico pensando, imagina se chega uma mudança aqui ou em outro lugar e aí me colocam a dar aula de EF, eu acho que eu não tenho estrutura pra isso. Não tenho mesmo, até mesmo porque to muito tempo afastada né? É muito gratificante, a preparação que a gente tem é uma preparação assim, além da preparação acadêmica tu te prepara durante toda a tua carreira, tu tá sempre te aperfeiçoando, aprender novas técnicas. Mas o problema é que não é valorizado, eu acho que se houvesse uma valorização maior pros professores, principalmente na rede estadual e municipal, acredito que mais pessoas se interessariam pela carreira docente assim. Mas eu vejo muito, não só eu, o pessoal que trabalha aqui também (5° CRE), todo mundo que trabalha aqui saiu de uma sala de aula, todo mundo que tá trabalhando aqui saiu de uma sala de aula e todos falam a mesma coisa, que não conseguem pensar em voltar pra sala de aula”.

#### Professor 5:

“Não tem pra onde ir, não tem como crescer, eu fiz uma entrevista pro SESI e o cara me perguntou por que tu quer sair da estabilidade, se todo mundo busca estabilidade? Porque não tem o que fazer, tu não tem condições de trabalho, não tem pra onde crescer, não tem nada que motive, é só chegar lá e fazer o mesmo de sempre, o mesmo de sempre não me serve. {tu voltaria pra sala de aula se pudesses?} Depende do que vai acontecer na sequência da cirurgia, se tiver que voltar eu volto, mas eu vou incomodar, eu não vou trabalhar sem material, sem material, sem aula”.

Professor 6:

“Olha tchê, ficar se lamentando não adianta muito né? Porque acaba que é a minha vida profissional né? [...] É uma profissão que realmente, assim ó não quero falar, acho que no fundo a gente vive numa sociedade profundamente desigual entende? E acho que a carreira docente não é a mesma entende? Minha irmã é professora do IF, hoje ela ganha seis vezes mais do que eu. [...] Então veja, são carreiras docentes, não há uma carreira e mesmo lá muita gente adocece, a pessoa que eu faço terapia atende muitos de lá”.

Encontramos nas falas dos professores que apenas o Professor 1 queria realmente retornar para a sala de aula, mas ainda assim sem ter certeza por conta das reformas da previdência que vem sendo debatidas pelo governo. Os demais professores apresentam a questão do gosto pela profissão, que somente gostando de ser professor se poderia trabalhar e ressaltam que mesmo assim é muito difícil hoje em dia. Apontam também para as dificuldades que a precarização traz consigo, de falta de espaço e materiais, do receio e até mesmo medo de retornar para a sala de aula, dos professores que desistem da carreira ainda no começo em 3 ou 4 anos.

Fatores esses que são encontrados em outros estudos como Assunção e Oliveira (2009), Assunção (2008), Carlotto (2002), Carlotto e Palazzo (2006), Cruz (2010), Cunha (2010). Esses autores também encontraram a precarização como um fator relacionado diretamente com os problemas de saúde, professores que não queriam estar mais nas salas de aula, entre outros pontos.

Notamos na fala dos professores que a carreira docente é muito difícil, por conta da sobrecarga de trabalho imposta hoje em dia nos educadores e a constante necessidade de atualização, muitas vezes dificultada pela falta de recursos.

Os docentes apontaram a questão do gosto pela profissão como algo primordial para manter-se exercendo a profissão, indo ao encontro da ideia de Kreutz (1986), esse autor tenta acabar o mito de que magistério é um sacerdócio, uma “vocação santa”, trazendo relações históricas e culturais sobre o assunto. O autor diz que essa concepção do magistério dificultou muito os professores na participação de uma organização da categoria e nas reivindicações salariais, acarretando também numa resistência da sociedade com os mesmos, com cobranças de uma postura vocacional e de doação.

Fatores apresentados pelos professores como necessários para continuarem atuando na carreira. Encontramos assim, escolas defasadas, sucateadas e

professores trabalhado com uma grande sobrecarga e tentando ensinar e desempenhar seu papel da melhor maneira possível.

## **9. Conclusão**

Encontramos dados que nos demonstram um pouco da realidade da educação pública, somente em Pelotas encontramos 8 professores afastados ou em licença saúde, sendo que foi informado que esse número é maior do que se pensa como dito pelo Professor 2 na sua entrevista.

A realidade apresentada nos apresenta indícios de que o trabalho é um fator de adoecimento para os professores, mental e fisicamente, afetando diretamente a sua saúde e culminando em casos extremos no afastamento de suas atividades. Além disso, encontram-se muitos profissionais que continuam trabalhando doentes, como os próprios entrevistados relataram, por não procurar o médico ou por simplesmente, tentar adiar algo que é inadiável, o bem estar.

Quanto as questões do trabalho, notamos que o papel do professor na escola se modificou, hoje se atende uma gama muito maior de tarefas que não deveriam ser atendidas, e isso é um fator estressante a classe estudada. Bem como, apresentou-se que a precarização que a educação e a escola sofrem, agem quase como barreiras a prática de um ensino de qualidade, frustrando os professores e dificultando ao máximo a execução de seu trabalho. Nesse ponto estão incluídos os problemas com colegas de trabalho, equipe diretiva, alunos, pais de alunos, a falta de oportunidades de crescimento na carreira, a desvalorização do professor, os problemas enfrentados com o atual governo estadual (greve, congelamento e parcelamento dos salários), todos apontados nas falas dos professores entrevistados como fatores ligados ao trabalho e que prejudicam a sua saúde.

No âmbito da saúde podemos notar que os professores estão adoecendo por conta do seu trabalho, ou por conta da sala de aula ou fatores associados, como a violência, precarização do trabalho, entre outros. Fatores esses que apresentam um pequeno recorte da realidade mas que assusta, se pararmos para pensar todos os entrevistados confirmaram que adoeceram por conta do trabalho, ou acreditam que o seu trabalho influenciou nesse acometimento. Podemos perceber aqui uma relação direta entre trabalho e saúde, ao passo que cada vez mais o trabalho aparenta

adoecer ou ser um propulsor do adoecimento docente, somado e associado a uma série de fatores que dificultam a sua execução.

Como identificado, estudos acerca da saúde dos professores são realizados a mais de duas décadas, mas ainda assim esse tema continua atual e aparentemente cada vez mais necessário. O professor é a alma da educação na escola, ele é o responsável por transmitir os conhecimentos e desenvolver o ser humano em sua totalidade, preparando-o para o convívio na sociedade e visando a formação de cidadãos críticos. Mas encontra-se trabalhando em condições complicadas de trabalho e adoecendo cada vez mais por conta de todas as pressões que sofre, da sociedade, da escola, do trabalho, da família, dos amigos.

O professor que encontramos hoje em dia é uma pessoa cansada, que luta com força por seus direitos procurando sempre realizar o seu trabalho da melhor forma possível, não importando o tamanho das dificuldades. Os resultados encontrados confirmaram nossa hipótese de que o trabalho adocece os professores, mas ainda assim, mais estudos são necessários sobre essa temática, visando alcançar mais professores e estudar outros níveis de ensino, como a Universidade por exemplo.

## 10. Referências

ANTUNES, R. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 1 ed, 7 reimpressão. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

ARROYO, M. G. Mestre, educador, trabalhador: organização do trabalho e profissionalização. 1985.

ASSUNÇÃO, A. A. Uma contribuição ao debate sobre as relações saúde e trabalho. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8 (4): 1005-1018, 2003.

ASSUNÇÃO, A. A. Saúde e mal-estar do(a) trabalhador(a) docente. In: *Anales del VII Seminario Redestrado – Nuevas Regulaciones en América Latina*. Buenos Aires: Agencia Nacional de Promoción Científica y Tecnología; 2008. p. 1-20.

ASSUNÇÃO, A. A.; OLIVEIRA, D. A. Intensificação do trabalho docente. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 30, n. 107, p.. 349-372, maio/ago. 2009

BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A. & ESTEVÃO, A. (orgs). A saúde em debate na Educação Física. Blumenau (SC): Edibes, 2003.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Trad. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo, Edições 70, 1977.

BARRETO, R. G.; LEHER, R. Trabalho docente e as reformas neoliberais. In: OLIVEIRA, D. A. Reformas educacionais na ormas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 39-60.

BOTH, V. J. Mudanças no mundo do trabalho e suas mediações na educação física. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

BOTTI, M.; MEZZARROBA, C. Relação entre as experiências anteriores e a escolha do curso na formação profissional em Educação Física. *Revista da Educação Física*, Maringá, v. 18, supl, p. 217-219, 2007.

\_\_\_\_\_. Crise estrutural do capital, mudanças no mundo do trabalho e suas mediações na educação física, v. 23, n. 36, p. 45. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 36, p. 45-62, jan. 2011.

BRASIL. Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, 27 dez. 1961.

\_\_\_\_\_. Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 12 ago. 1971.

\_\_\_\_\_. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, 23 dez. 1996.

\_\_\_\_\_. Lei Nº 11.738, de 16 de Julho de 2/008.

CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

CARLOTTO, M. S. (2002). Síndrome de Burnout e o trabalho docente. *Revista Psicologia em Estudo*, 7 (1), 21-29.

CARLOTTO, M. S.; PALAZZO, L. dos S. Síndrome de Burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 22, n. 5, p. 1.017-1.026, 2006.

COELHO, M. T. Á. D., ALMEIDA-FILHO, N. Conceitos de saúde em discursos contemporâneos de referência científica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. 9 (2): 315-333, 2002.

CPERS. O ensino público pede socorro, pesquisa nas escolas públicas da rede estadual. Publicação do CPERS/Sindicato. **Gráfica Relâmpago**, Porto Alegre/RS. 2009.

CRUZ, Roberto Moraes et al. Saúde docente, condições e carga de trabalho. *Revista Electrónica de Investigación y Docência (REID)*, v.4, p.147-160, jul. 2010. Disponível em: Acesso em: 12 fev. 2015.

CUNHA, F. J. P. Precarização do trabalho e Educação Física: situando a questão. V 22, n 35, p 113. *Motrivivência*, n. 35, p. 113-129, 2010.

CZERESINA, D. The concept of health and the difference between prevention and promotion. *Cadernos de Saúde Pública*. 15 (4): 701-709, 1999.

DINIZ, Júlio Emílio. Debates e Pesquisas no Brasil sobre formação docente. In: *Formação de professores – Pesquisa, representações e poder*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DELCOR, N., S. et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da conquista, Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, *Cadernos de Saúde Pública Rio de Janeiro*, v.20, n.1, p. 187-196, jan.-fev. 2004.

ENGELS, Friederich. *Dialética da natureza*. 2. ed. Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1974.

ENGELS, F. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: ANTUNES, Ricardo (org.). *A dialética do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ESTEVE, J.M. El mal estar docente. Barcelona: Laia, 1987.

FETEE/SUL. Professores no limite: O estresse no trabalho no ensino privado no Rio Grande do Sul. Publicação da Federação dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino do Rio Grande do Sul – Núcleo de Saúde, sob a coordenação do Sinpro/Caxias e Sinpro/RS. Gráfica Relâmpago, Porto Alegre/RS. 2012.

FREITAS, L. C. A organização do trabalho pedagógico: elementos para a pesquisa de novas formas de organização. V Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Belo Horizonte, 1989.

GADOTTI, M. Educação para quê e para quem? São Paulo, 1987

GASPARINI, S.M.; BARRETO, S.M.; ASSUNÇÃO, A.A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. Educação & Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, 2005.

GASPARINI, S.M., BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 22 (12): 2679-2691, 2006.

GIL, A. C. Métodos e técnicas da pesquisa social. 5º ed. São Paulo. Editora Atlas, 1999. 206p.

GUEDES D.P. Educação para a saúde mediante programas de Educação Física escolar. São Paulo: Motriz, v.5, n.1, Jun,1999.

HAGUETTE, A. Educação: bico, vocação ou profissão. Educação & Sociedade, v. 38, n. XII, 1991.

HARGREAVES, A. Profesorado, cultura y postmodernidad: cambian los tiempos, cambia el profesorado. Madrid: Morata, 1996.

\_\_\_\_\_. Enseñar en la sociedad del conocimiento. Barcelona: Octaedro, 2003.

HARVEY, D. The Enigma of Capital. Oxford: University Press, 2011.

HYPOLITO, Á. M. Processo de trabalho na escola: algumas categorias para análise. Teoria & Educação, v. 4, p. 3-21, 1991.

HUBERMAN, M.; O ciclo de vida profissional de professores. In: Nóvoa, A. (org) Vida de professores. Porto Editora. 2000.

HUTCHINSON, G. E.; BUSCHNER, C. A. Delayed-Entry undergraduates in Physical Education Teacher education: examining life experiences and career choice. Journal Teaching Physical Education, Champaign, v. 15, no. 2, p. 205-223, Jan. 1996.

KREUTZ, Lúcio. Magistério: vocação ou profissão. Educação em Revista, n. 3, p. 12-16, 1986.

LEMOS, J.; CRUZ, R. M. Condições e cargas de trabalho da atividade docente. Revista Plural, Florianópolis, p. 20-27, jun., 2005.

LESSARD, Claude; TARDIF, Maurice. As transformações atuais do ensino: Três cenários possíveis na evolução da profissão de professor?. In: TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. Ofício de professor: História, perspectivas e desafios internacionais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LEWIS, A. Saúde. In: Silva, B. (Org.). Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. P. 1099-1101, 1986.

LIMA, E.F. et al. Sobrevivendo ao início da carreira docente e permanecendo nela. Como? Por quê? O que dizem alguns estudos. Educação e Linguagem, Ano10, n.15, p. 138-160, Jan/Jun 2007.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. MARIANO, M. S. S; MUNIZ, H. P. Trab

MARINI, R. M. Dialética da dependência: uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini. Emir Sader (org.). Petrópolis: Vozes; Buenos Aires: CLACSO, 2000.

MARQUES, C. A.; PEREIRA, J. E. D. Fóruns das licenciaturas em universidades brasileiras: construindo alternativas para a formação inicial de professores. Educação & Sociedade, Campinas, v. 23, n. 78, p. 171-183, 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a10v2378.pdf>> Acesso: maio de 2017.

MARX, K. O capital: crítica da economia política. Livro 1, v. 1, 13 ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1989.

MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MELCHIOR, J.-P. L'intensification du travail: une atteinte à l'éthique professionnelle des travailleurs sociaux. In: LINHART, D. Pourquoi travaillons-nous?: une approche sociologique de la subjectivité au travail. Ramonville Saint-Agne: Érès, 2008. p. 159-182.

MENDES, Maria L. M. Condições de trabalho e saúde docente. In: SEMINÁRIO DA REDE LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE TRABALHO DOCENTE– REDE ESTRADO, 6., 2006, Rio de Janeiro.

MÉSZÁROS, I. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

MINAYO, M.C.S. A saúde em estado de choque. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1992.

\_\_\_\_\_ (Org.). Pesquisa social: teoria método e criatividade. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

MUOTRI, R. W., & SIMÕES, A. C. (2012). Homem na sociedade das doenças ou as doenças na sociedade do homem? Qual o papel da Educação Física neste aspecto? *Motrivivência*, (37), 123-133.

NORONHA, M.M.B. Condições do exercício profissional da professora e dos possíveis efeitos sobre a saúde: estudo de casos das professoras do Ensino Fundamental em uma escola pública de Montes Claros, Minas Gerais. 2001. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

NÓVOA, António. Dize-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa. In: FAZENDA, Ivani A. (org) *A pesquisa e as transformações do conhecimento* 6º Ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

OCDE. *Panorama da Educação: Indicadores da OCDE*. 2006

OLIVEIRA, D. A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. *Educação e Sociedade*, vol.25,n.89,p.1127-1144, set/dez. 2004.

PEIXOTO, E. M. de M. Fundamentos marxistas: modo de produção como eixo para uma síntese em perspectiva histórica da relação Trabalho/Educação Física, Esportes e Lazer. *Revista Motrivivência*, ano XXII, n. 35, p. 99-112, dez., 2010.

POWELL, K.E.; KREUTER, M.W.; STEPHENS, T.; MARTI, B. & HEINEMANN, L. The dimensions of health promotion applied to physical activity. *Journal of Public Health Policy*. 12(4): 492-509, 1991.

QUELHAS, Alvaro Azeredo. Profissional de educação física no segmento fitness: reflexões a partir da categoria trabalho, v. 23, n. 36, p. 75. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 36, p. 75-93, nov. 2011.

REIS, E.J.F.B. et al.. Docência e exaustão emocional. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 94, p. 251-275, 2006.

SAMPAIO, M.; MARIN, A. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 11623 25, n. 89, p. 1203- 1225, Set./Dez. 2004. Disponível em: <periodicoscapes.com.br>. Acesso em: maio de 2017.

SAVIANI, D. O trabalho como princípio educativo frente as novas tecnologias. *Conferência Escola Ativa*. Salvador, 2010.

SILVA, M. S. S. J Síndrome de Burnout em Professores de Educação Física das escolas Estaduais do Ensino Médio da Cidade de Pelotas/RS. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

SILVA, M.; ESPÓSITO; GATTI, B. Pesquisa educacional, ações e políticas educacionais. *Boletim: textos para discussão*. Brasília: Inep, 1994, p. 1-7.

SINOTT, E. C. Síndrome de Burnout: um estudo com professores de Educação Física das escolas municipais de Pelotas. 2013. Dissertação (Mestrado em

Educação Física) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

SIQUEIRA, M. J. T.; FERREIRA, E. S. Saúde das professoras das séries iniciais; o que o gênero tem a ver com isso? *Psicologia, Ciência e Profissão*, v. 23, n. 3, p. Ciência e Profissão 76-83, 2003.

TAFFAREL, C. N. Z. Educação popular e educação do MST. Salvador, 2009. Disponível em: [www.faced.ufba.br/rascunhodigital](http://www.faced.ufba.br/rascunhodigital).

TARTUCE, G.; NUNES, M; ALMEIDA, P. Alunos do ensino médio e atratividade da carreira docente no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*. V. 40, N. 140, p. 445-477, maio/agosto de 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. - Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Atlas, 1987. 175p.

VALENCIA, A. S. Trabalho, classe trabalhadora e proletariado: ensaio sobre as contradições e crises do capitalismo contemporâneo. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. Especial, p. 3-15, maio, 2009.

VALLE, I. R. A era da profissionalização: formação e socialização profissional do corpo docente de 1ª a 4ª série. Florianópolis: Cidade Futura, 2003. VALLE, I. R. Carreira do magistério: uma escolha profissional deliberada? *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 87, n. 216, p. 178-187, maio/ ago. 2006.

VIANELLO, L.; ASSUNÇÃO, A. A.; GAMA, A. C. C. Estratégias implementadas para enfrentar as exigências vocais da sala de aula: o caso das professoras readaptadas por dissonia. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 163-70, 2008.

VIEIRA, E. C. Socialização, opção profissional e representação na Educação Física. *Motriz*, Rio Claro, v. 3, n. 1, p. 44-49, Jun. 1997.

WEBER, Silke. Profissionalização docente e políticas públicas no Brasil. *Educação & Sociedade*, v. 24, n. 85, p. 1125-1154, 2003.

WITTIZORECKI, E. S.; MOLINA NETO, V. O trabalho docente dos professores de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. *Movimento*, PortoAlegre, v. 11, n. 1, p. 47- 70, jan./abr. 2005.

WITTIZORECKI, E. S.; MOLINA NETO, V.; BOSSLE, F. Mudanças sociais e o trabalho docente de professores de Educação Física na escola: estudo a partir de histórias de vida. *Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 149-169, jan/mar de 2012.

YONG, B. C. S. Teacher trainees motives for entering into a teaching career in Brunei-Darussalam. *Teaching and Teacher Education*, New York, v. 11, no. 3, p. 275-280, May 1995.

YOUNG, B. J. Career plans and work perceptions of preservice teachers. *Teaching and Teacher Education*, New York, v. 11, no. 3, p. 281-292, May 1995.

ZARAGOZA, J. M. E. O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. Tradução: Durley de Carvalho Cavicchia. 3ª ed., Bauru: Edusc, 1999.

## 11. Anexos

Questões norteadoras para entrevista semi estruturada

- a. Como gostaria de ser identificado?
- b. Local e ano de formação
- c. Ingresso no magistério e ingresso na rede estadual
- d. O que pensas sobre a educação de forma geral e a Educação Física na escola?
- e. Como foi o seu processo de ingresso na escola e início do trabalho docente?
- f. Quais motivos o levaram ao afastamento da sala de aula?
- g. O que ocasionou esse afastamento?
- h. A quanto tempo está afastado da sala de aula?
- i. Os problemas estruturais da escola influenciaram de alguma maneira nessa situação?
- j. Mesmo estando afastado da sala de aula, você ainda sente apreço pela carreira docente?